

2<sup>a</sup> edição da 1<sup>a</sup> parte  
1<sup>a</sup> edição da 2<sup>a</sup> parte



John Carter Brown  
Library  
Brown University

JOHN CARTER BROWN  
LIBRARY

Purchased from the  
Trust Fund of  
Lathrop Colgate Harper  
LITT. D.

MARILIA  
DE  
DIRCEO.

POR T. A. G.

126  

---

PRIMEIRA PARTE.  

---



LISBOA:

---

NA OFFICINA NUNESIANA,

ANNO M. DCC. XCIX.

*Com licença da Meza do Desembargo do Paço.*

1842  
D I C T I O N A R Y

OF THE  
LAW

AND  
EQUITY

BY  
J. H. W. L.

NEW YORK

RECEIVED



MARILIA  
DE  
DIRCEO.



LYRA I.

**E**u, Marilia, não sou algum vaqueiro,  
Que viva de guardar alheio gado,  
De tosco trato, de expressões grosseiro,  
Dos frios gelos, e dos sóes queimado.  
Tenho proprio casal, e nelle assisto;  
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite,  
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,  
E mais as finas lãns, de que me visto.

Graças, Marilia bella,  
Graças á minha Estrella!

Eu

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,  
 Dos annos inda não está cortado:  
 Os Pastores, que habitão este monte,  
 Respeitão o poder do meu cajado.  
 Com tal destreza toco a sanfoninha,  
 Que inveja até me tem o proprio Alceste:  
 Ao som della concerto a vóz celeste;  
 Nem canto letra que não seja minha.  
     Graças, Marilia bella,  
     Graças á minha Estrella!

Mas tendo tantos dotes da ventura,  
 Só 'apreço lhes dou, gentil Pastora,  
 Depois que o teu affecto me segura,  
 Que queres do que tenho fer Senhora.  
 He bom, minha Marilia, he bom fer dono  
 De hum rebanho, que cubra monte, e prado;  
 Porém, gentil Pastora, o teu agrado  
 Vale mais q̄ hũ rebanho, e mais q̄ hũ throno.  
     Graças, Marilia bella,  
     Graças á minha Estrella!

Os teus olhos espalhão luz divina ,  
A quem a luz do Sol em vão se atreve :  
Papoila , ou rosa delicada , e fina ,  
Te cobre as faces , que são côr da neve.  
Os teus cabellos são huns fios d' ouro ;  
Teu lindo corpo balsamos vapora.  
Ah ! não , não fes o Ceo , gentil Pastora ,  
Para gloria de Amor igual Thefouro.

Graças , Marilia bella ,  
Graças á minha Estrella !

Leve-me a fementeira muito embora  
O rio sobre os campos levantado :  
Acabe , acabe a peste matadora ,  
Sem deixar huma rê , o nedeo gado.  
Já destes bens , Marilia , não preciso :  
Nem me cega a paixão , que o mundo arrasta ,  
Para viver feliz , Marilia , basta  
Que os olhos movas , e me dê hum riso.

Graças , Marilia bella ,  
Graças á minha Estrella !

Hirás a divertír-te na floresta,  
 Sustentada , Marilia , no meu braço ;  
 Aqui descançarei a quente fésta,  
 Dormindo hum leve somno em teu regaço :  
 Em quanto a luta jogão os Pastores,  
 E emparelhados correm nas campinas,  
 Teucarei teus cabellos de boninas,  
 Nos troncos gravarei os teus louvores.  
     Graças, Marilia bella,  
     Graças á minha Estrella !

Depois que nos ferir a mão da Morte  
 Ou seja neste monte, ou n'outra ferra,  
 Nossos corpos terão, terão a forte  
 De consumir os dous a mesma terra.  
 Na campa, rodeada de cyprestes,  
 Lerão estas palavras os Pastores :  
 „ Quem quizer ser feliz nos seus amores,  
 „ Siga os exemplos, que nos derão estes „  
     Graças, Marilia bella,  
     Graças á minha Estrella !



## LYRA II.

**P**INTÃO, Marilia, os Poetas  
A hum menino vendado,  
Com huma aljava de settas,  
Arco empunhado na mão:  
Lige ras azas nos hombros,  
O tenro corpo despido;  
E de Amor, ou de Cupido  
São os nomes que lhe dão.

Porém eu, Marilia, nego,  
Que assim seja Amor; pois elle  
Nem he moço; nem he cego,  
Nem settas, nem azas tem.  
Ora pois, eu vou formar-lhe  
Hum retrato ma's perfeito,  
Que elle já ferio meu peito;  
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabellos,  
Que sobre as costas ondeão,  
São que os de Apollo mais bellos;  
Mas de loura côr não são.  
Tem a côr da negra noite;  
E com o branco do rosto  
Fazem, Marilia, hum composto  
Da mais formosa união.

Tem redonda, e liza testa;  
Arqueadas sobrançelhas,  
A vóz meiga, a vista honesta,  
E seus olhos são huns sóes.  
Aqui vence Amor ao Ceo,  
Que no dia luminoso  
O Ceo tem hum Sol formoso,  
E o travesso Amor tem dous.

Na sua face mimosa ,  
Marilia , estão misturadas  
Purpureas folhas de rosa ,  
Branças folhas de jasmim.  
Dos rubins mais preciosos  
Os seus beijos são formados ;  
Os seus dentes delicados  
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito  
Dei logo hum suspiro , e elle  
Conheceo haver-me feito  
Estrago no coração.  
Punha em mim os olhos , quando  
Entendia eu não olhava :  
Vendo que o via , baixava  
A modesta vista ao chão.

X  
 C  
 Qu  
 São  
 Ma  
 Te  
 E  
 Fa  
 Da

Chamei-lhe hum dia formoso;  
 Elle ouvindo os seus louvores  
 Com hum modo desdenhoso,  
 Se furrio, e não fallou.  
 Pintei-lhe outra vez o estado,  
 Em que estava esta alma posta;  
 Não me deo tambem resposta,  
 Constrangeo-se, e suspirou.

Ar  
 A  
 E  
 A  
 Q  
 O  
 E

Conheço os signaes, e logo  
 Animado da esperança,  
 Busco dar hum desaffogo  
 Ao cansado coração.  
 Pégo em seus dedos nevados,  
 E querendo dar-lhe hum beijo,  
 Cubrio-se todo de pejo,  
 E fugio-me com a mão.

Tu, Marilia, agora vendo  
 De Amor o lindo retrato,  
 Comtigo estarás dizendo,  
 Que he este o retrato teu.  
 Sim, Marilia, a copia he tua,  
 Que Cupido he Deos supposto:  
 Se ha Cupido he só teu rosto,  
 Que elle foi quem me venceo.



## L Y R A III.

**D**E amar, minha Marilia, a formosura  
 Não se pôdem livrar humanos peitos.  
 Adorão os Heróes, e os mesmos brutos  
 Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.  
 Quem, Marilia, despreza huma belleza,  
     A luz da razão precisa,  
     E se tem discurso, pisa  
 A Lei, que lhe ditou a Natureza.

Cupido entrou no Ceo. O grande Jove  
 Hum vez se mudou em chuva de ouro :  
 Outras vezès tomou as varias fórmas  
 De General de Thebas , velha , e touro.  
 O proprio Deos da Guerra deshumano  
     Não viveo de amor illeso ;  
     Quiz a Venus , e foi prêso  
 Na rede , que lhe armou o Deos Vulcano:

Se amar huma belleza se desculpa  
 Em quem ao proprio Ceo , e terra move ;  
 Qual he a minha gloria , pois igualo ,  
 Ou excedo no amor ao mesmo Jove?  
 Amou o Pai dos Deoses Soberano  
     Hum semblante peregrino :  
     Eu adoro o teu divino ,  
 O teu divino rosto , e sou humano.

## LYRA IV.

**M**ARILIA, teus olhos  
São réos, e culpados,  
Que soffra, e que beije  
Os ferros pezados  
De injusto Senhor.  
Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,  
O sangue gelou-se,  
A lingua prendeo-se,  
Tremi, e mudou-se  
Das faces a côr.  
Marilia, escuta  
Hum triste Pastor.

A vista furtiva,  
 O risco imperfeito;  
 Fizeraõ a chaga,  
 Que abriste no peito  
 Mais funda, e maior.

Marilia, escuta  
 Hum triste Pastor.

Dispuz-me a servir-te;  
 Levava o teu gado  
 A' fonte mais clara,  
 A' vargem, e prado  
 De relva melhor.

Marilia, escuta  
 Hum triste Pastor.

Se vinha da herdade,  
 Trazia nos ninhos  
 As aves nascidas,  
 'Abrindo os biquinhos  
 De fome ou temor.

Marilia, escuta  
 Hum triste Pastor.

Se alguém te louvava

De gosto me enchia;

Mas sempre o ciúme

No rosto accendia

Hum vivo calor.

Marilia, escuta

Hum triste Pastor.

Se estavas alegre,

Dirceo se alegrava;

Se estavas sentida;

Dirceo suspirava

A' força da dor.

Marilia, escuta

Hum triste Pastor.

Fallando com Laura,

Marilia dizia;

Surria-se aquella,

E eu conhecia

O erro de amor.

Marilia, escuta

Hum triste Pastor.

Movida , Marilia ,  
 De tanta ternura ,  
 Nos braços me dêste ;  
 Da tua fé pura  
 Hum doce penhor.

Marilia , escuta  
 Hum triste Pastor.

Tu mesma disseste  
 Que tudo podia  
 Mudar de figura ;  
 Mas nunca seria  
 Teu peito traidor.

Marilia , escuta  
 Hum triste Pastor.

Tu já te mudaste ;  
 E a Olaia frondoza ,  
 Aonde escreveste  
 A jura horrorosa ,  
 Tem todo o vigor.

Marilia , escuta  
 Hum triste Pastor.

Mas eu te desculpo,  
 Que o fado tyranno  
 Te obriga a deixar-me;  
 Pois busca o meu damno  
 Da sorte, que for.  
 Marilia, escuta  
 Hum triste Pastor.



## LYRA V.

**A**CASO são estes  
 Os sitios formosos,  
 Aonde passava  
 Os annos gostosos?  
 São estes os prados,  
 Aonde brincava,  
 Em quanto passava  
 O manço rebanho,  
 Que Alceo me deixou?

São estes os sitios?  
São estes; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marilia, tu chamas?  
Espera que eu vou.

Daquelle penhasco  
Hum rio cahia,  
Ao som do sussurro  
Que vezes dormia!  
Agora não cobrem  
Espumas nevadas  
As pedras quebradas:  
Parece que o rio  
O curso voltou.

São estes os sitios?  
São estes; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marilia, tu chamas?  
Espera que eu vou.

Metis versos alegre

Aqui repetia:

O Eco as palavras

Tres vezes dizia,

Se chamo por elle

Já não me responde;

Parece se esconde,

Cansado de dar-me

Os ais que lhe dou.

São estes os fitios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?

Espera que eu vou.

Aqui hum regato

Corria sereno,

Por margês cobertas

De flores, e feno:

A' esquerda se erguia

Hum bosque fechado;

E o tempo apressado,

Que nada respeita,

Já tudo mudou.

São estes os sitios ?  
 São estes ; mas eu  
 O mesmo não sou.  
 Marilia , tu chamas ?  
 Espera que eu vou.

Mas como discorro ?

Acafo podia  
 Já tudo mudar-se  
 No espaço de hum dia ?  
 Existem as fontes ,  
 E os freixos copados ;  
 Dão flores os prados ,  
 E corre a cascata ,  
 Que nunca seccou.

São estes os sitios ?  
 São estes ; mas eu  
 O mesmo não sou.  
 Marilia , tu chamas ?  
 Espera que eu vou.

Minha alma , que tinha  
Liberta a vontade ,  
Agora já sente  
Amor , e saudade.  
Os sitios formosos ,  
Que já me agradarão ,  
Ah ! não se mudarão !  
Mudarão-se os olhos ,  
De triste que estou.

São estes os sitios ?  
São estes ; mas eu  
O mesmo não sou.  
Marilia , tu chamas ?  
Espera que eu vou.



## L Y R A VI.

**O**h! quanto pôde em nós a varia Estrella!  
Que diversos que são os genios nossos!  
Qual solta a branca vélla,  
E affronta sobre o pinho os mares grossos.  
Qual cinge com a malha o peito duro;  
E marchando na frente das cohortes,  
Faz a toare voar, cahir o muro.

O fardido avarento em vão trabalha,  
Que possa o filho entrar no seu Theouro.  
Aqui fechado estende  
Sobre a taboa, que verga, as barras de ouro.  
Sacode o jogador do copo os dados;  
E n'uma noite só, que ao somno rouba,  
Perde o resto dos bens do pai herdados.

O que da voráz gulla o vicio adora  
Da lauta meza os seus prazeres fia.

E o terno Alceste chora

Ao som dos versos a que o genio o guia,  
O sábio Gallileo toma o compasso,  
E som voar ao Ceo, calcula, e mede  
Das Estrellas, e Sol o immenso espaço:

Em quanto pois, Marilia, a varia gente,  
Se deixa conduzir do proprio gosto;

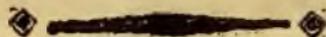
Passo as horas contente

Notando as graças do teu lindo rosto,  
Sem canfar-me a saber se o Sol se móve,  
Ou se a terra voltea; assim conheço  
Aonde chega a mão do grande Jove.

Noto, gentil Marilia, os teus cabellos;  
E noto as faces de Jasmims, e rosas:

Noto os teus olhos bellos;

Os brancos dentes, e as feições mimofas.  
Quem fez huma obra tão perfeita, e linda,  
Minha bella Marilia, tambem póde  
Fazer os Ceos, e mais, se ha mais ainda.



## L Y R A VII.

**V**ou retratar a Marilia ;  
A Marilia meus amores ;  
Porém como se eu não vejo  
Quem me empreste as finas cores !  
Dar-mas a terra não póde ;  
Não que a sua côr mimosa  
Vence o lyrio , vence a rosa :  
O jasmim , e as outras flores .

Ah soccorre , Amor , soccorre  
Ao mais grato empenho meu !  
Vôa sobre os Astros , vôa ,  
Traz-me as tintas do Ceo .

Mas não se esmoreça logo ;  
Busquemos hum pouco mais ;  
Nos mares talvez se encontrem  
Cores que sejam iguaes.  
Porém não , que em paralelo  
Da minha Nynfa adorada  
Perolas não valem nada ,  
Não valem nada os coraes.

Ah soccorre , Amor , soccorre  
Ao mais grato empenho meu !  
Voa sobre os Astros , voa ,  
Traz-me as tintas do Ceo.

Só no Ceo achar se pódem  
Taes bellezas , como aquellas ,  
Que Marilia tem nos olhos ,  
E que tem nas faces bellas.  
Mas ás faces graciosas ,  
Aos negros olhos , que matão ,  
Não imitão , não retratão  
Nem Auroras , nem Estrellas.

Ah soccorre, Amor, soccorre  
Ao mais grato empenho meu!  
Vôa sobre os Astros, vôa,  
Traz-me as tintas do Ceo.

Entremos, Amor, entremos,  
Entremos na mesma Esfera.  
Venha Pallas, venha Juno,  
Venha a Deosa de Cithera.  
Porém não, que se Marília  
No certame antigo entrasse,  
Bem que a Paris não peitasse,  
A todas as tres vencera.

Vai-te, Amor, em vão soccorres  
Ao mais grato empenho meu:  
Para formar-lhe o retrato  
Não bastão tintas do Ceo.



## L Y R A VIII.

**M**ARILIA, de. que te queixas?

De que te roube Dirceo

O sincero coração?

Não te dêo tambem o seu?

E tu, Marilia, primeiro

Não lhe lançáste o grilhão?

Todos amão: só Marilia

Desta Lei da Natureza

Queria ter izenção?

Em torno das castas pombas

Não rulão ternos pombinhos?

E rulão, Marilia, em vão?

Não se afagão c'os biquinhos?

E a provas de mais ternura

Não os arrasta a paixão?

Todos amão: só Marilia

Desta Lei da Natureza

Queria ter izenção?

Já viste , minha Marilia ,  
 Avezinhas , que não fação  
 Os seus ninhos no verão ?  
 Aquellas com quem se enlação  
 Não vão cantar-lhes defronte  
 Do molle pouzo em que estão ?  
 Todos amão : só Marilia  
 Desta Lei da Natureza  
 Queria ter izenção ?

Se os peixes , Marilia , gerão  
 Nos bravos mares , e rios ,  
 Tudo effeitos de Amor são.  
 Amão os brutos impios ,  
 A serpente venenosa ,  
 A Onça , o Tigre , o Leão.  
 Todos amão : só Marilia  
 Desta Lei da Natureza  
 Queria ter izenção ?

As grandes Deofas do Ceo,  
Sentem a fetta tyranna  
Da amorofa inclinação.  
Diana, com fer Diana,  
Não fe abrafa, não suspira  
Pelo amor de Endymião?  
Todos amão: só Marilia  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter izenção?

Defifte, Marilia bella,  
De huma queixa sustentada  
Só na altiva opinião.  
Esta chamma he inspirada  
Pelo Ceo; pois nella affienta  
A noffa confervação.

Todos amão: só Marilia  
Desta Lei da Natureza  
Não deve ter izenção.



## L Y R A IX.

**E**u sou, gentil Marilia, eu sou captivo,  
Porém não me venceo a mão armada  
De ferro, e de furor:  
Huma alma sobre todas elevada  
Não cede a outra força que não seja  
A' tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora  
Cadêas nas bigornas trabalhadas  
Com pezados martellos:  
Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas  
Com duros ferros não, com fios d'ouro,  
Que são os teus cabellos.

Occulto nos teus meigos vivos olhos  
Cupido a tudo faz tyranna guerra:

Sacode a fétta ardente ;

E sendo despedida cá da terra ,

As nuvens rómpe , chega ao alto Im pirio ;

E chega ainda quente.

As abelhas nas azas suspendidas

Tirão, Marilia, os succos saborosos

Das orvalhadas flores:

Pendentes dos teus beijos graciosos

Ambrosias chupão, chupão mil feitiços

Nunca fartos Amores.

O vento quando parte em largas fitas

As folhas, que menêa com brandura ;

A fonte crystallina ,

Que sobre as pedras cáe de immensa altura ;

Não forma hum som tão doce, como forma

A tua vóz divina.

Em torno dos teus peitos , que palpitão ,  
Exalão mil suspiros desvelados .

Enchames de desejos ;

Se encontram os teus olhos descuidados ,  
Por mais que se atropelem , voão , chegam ,  
E dão furtivos beijos .

O Cifne , quando corta o manso lago ,  
Erguendo as brancas azas , e o pescoço ;

A Náo que ao longe passa ,

Quando o vento lhe infuna o pano grosso ,  
O teu garbo não tem , minha Marilia ,  
Não tem a tua graça .

Estimem pois os mais a liberdade :

Eu prézo o captiveiro : sim , nem chamo

A' mão de Amor impia :

Honro a virtude , e os teus dotes amo :

Tambem o grande Achilles veste a saia ,

Tambem Alcides fia .



## LYR A X.

**S**E existe hum peito,

Que izento viva

Da chamma activa,

Que accende Amor.

Ah! não habite

Neste montado;

Fuja apressado

Do vil traidor.

Corra, que o Impio

Aqui se esconde:

Não sei aonde;

Mas sei que o vi.

Tráz novas fétas,

Arco robusto;

Tremi de susto,

Em vão fugi.

C ii

Eu

Eu vou mostrar-vos,  
Tristes mortaes,  
Quantos signaes  
O Impio tem.

Oh ! como he justo,  
Que todo o humano  
Hum tal tyranno  
Conheça bem !

No corpo ainda  
Menino existe :  
Mas quem resiste  
Ao braço feu ?

Ao negro Inferno  
Levou a guerra :  
Vencêo a terra ,  
Vencêo o Ceo.

Já mais se cobrem  
Seus membros bellos;  
E os seus cabellos  
Que lindos são!  
Vendados olhos,  
Que tudo alcanção,  
E já mais lançaõ  
A fetta em vão.

As suas faces  
São cor da neve;  
E a bocca breve  
Só rizo tem,  
Mas, ah! respira  
Negros venenos,  
Que nem ao menos  
Os olhos vem.

Aljáva grande  
 Dependurada,  
 Sempre atacada  
 De bons farpões.

Fere com estas  
 Agudas lanças,  
 Pombinhas mansas,  
 Bravos leões.

Se a setta falta  
 Tem outra prompta,  
 Que a dura ponta  
 Já mais torcêo.

Ninguem resiste  
 Aos golpes della:  
 Marilia bella  
 Foi quem lha dêo.

Ah ! não sustente  
 Dura peleija ,  
 O que deseja  
 Ser vencedor.

Fuja , e não olhe ,  
 Que só fugindo  
 De hum rosto lindo ,  
 Se vence Amor.



## L Y R A XI.

**N**ão toques, minha Musa, não, não toques  
 Na sonora Lyra ,  
 Que ás almas , como a minha , namoradas  
 Doces Canções inspira :  
 Assopra no clarim , que apenas soa  
 Enche de assombro a terra ;  
 Naquelle , a cujo som cantou Homero ,  
 Cantou Virgilio a Guerra.

Busquemos, ó Musa,  
 Empreza maior;  
 Deixemos as ternas  
 Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças, de que forma  
 Cupido o seu thesouro:  
 Vivos olhos, e faces côr da neve,  
 Com crespos fios de ouro;  
 Meus olhos só vem gramas, e loureiros;  
 Vem carvalhos, e palmas;  
 Vem os ramos honrosos, que delinguem  
 As vencedoras almas.

Busquemos, ó Musa,  
 Empreza maior;  
 Deixemos as ternas  
 Fadigas de Amor.

Cantemos o Heróe , que já no berço  
As Serpes despedaça ;

Que fere os Cácos , que destronca as Hidras ;  
Mais os leões que abraça.

Cantemos , se isto he pouco , a dura guerra  
dos Tritães , e Tyféos ,

Que arrancão as montanhas , e atrevidos  
Levão armas aos Ceos.

Busquemos , ó Musa ,

Empreza maior ;

Deixemos as ternas

Fadigas de Amor.

Anima pois , ó Musa , o instrumento ,

Que a vóz tambem levanto ;

Porém tu déste muito affima o ponto ;

Dirceo não póde tanto :

Abaixa , minha Musa , o tom , que ergueste ;

Eu já , eu já te figo.

Mas , ah ! vou a dizer *Heróe* , e *Guerra* ,

E só *Marilia* digo.

Dei.

Deixemos , ó Musa ,  
Empreza maior ,  
Só posso seguir-te  
Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro? Ah! sim , agora  
Meu canto já se afina ;  
E a humana voz , parece que ao som dellas  
Se fáz tambem divina.  
O mesmo que cercou de muro a Thebas  
Não canta assim tão terno ;  
Nem póde competir commigo aquelle ,  
Que desce ao negro Inferno.

Deixemos , ó Musa ,  
Empreza maior ;  
Só posso seguir-te  
Cantando de Amor.

Mal repito *Marilia*, as doces aves  
 Mostrão signaes de espanto,  
 Erguem os collos, voltão as cabeças,  
 Parão o ledo canto;  
 Move-se o tronco, o ventô se suspende,  
 Pasma o gado, e não come:  
 Quanto pôdem meus versos! Quanto pôde  
 Só de *Marilia* o nome!

Deixemos, ó Musa,  
 Empreza maior;  
 Só posso seguir-te  
 Cantando de Amor.

## L Y R A XII

**T**OPEI hum dia  
 Ao Deos vendado,  
 Que descuidado  
 Não tinha as fettas  
 Na impia mão.

Mal o conheço,  
 Me sóbe logo  
 Ao rosto o fogo,  
 Que a raiva accende  
 No coração.

*Morre, tyranno ;*  
*Morre, inimigo !*  
 Mal isto digo,  
 Raivoso o apérto  
 Nos braços meus.

Tanto que o moço  
 Sente apertar-se,  
 Para salvar-se  
 Tambem me aperta  
 Nos braços seus.

O leve corpo  
Ao ar levanto ;  
Ah ! e com quanto  
Impulso ô trago  
Do ar ao chão !

Poude suster-se

A vêz primeira ;  
Mas á terceira  
Nos pés , que alarga ,  
Se firma em vão.

Mal o derrubo ,  
Ferro aguçado  
No já cançado  
Peito , que arqueja ;  
Mil golpes dêo.

Suou seu corpo ;  
Tremêo gemendo ;  
E a côr perdendo ,  
Batêo as azas ;  
Em fim morrêo.

Qual

Qual bravo Alcides,  
Que a hirsuta pelle  
Vestio daquelle  
Grenhoso bruto,  
A quem matou.

Para que prove  
A empreza honrada,  
C'o a mão manchada  
Recolho as settas,  
Que me deixou.

Ouvio Marilia  
Que Amor gritava,  
E como estava  
Vizinha ao sitio  
Valler-lhe vem.

Mas quando chega  
Espavorida,  
Nem já de vida  
O féro monstro  
Indicio tem.

Então Marilia ,  
Que o vê de perto  
De pó cuberto ,  
E todo em volto  
No fangue feu ;  
As mãos aperta  
No peito brando ,  
E afflicta dando  
Hum ai , os olhos  
Levanta ao Ceo.

Chega-fe a elle  
Compadecida ;  
Lava a ferida  
C'o pranto amargo ,  
Que derramou.

Então o monstro  
Dando hum suspiro ,  
Fazendo hum gyro  
C'o a baça vista ,  
Reffuscitou.

Respira a Deosa ;  
 E vem o gosto  
 Fazer no rosto  
 O mesmo effeito ,  
 Que fêz a dôr.

Que louca idéa  
 Foi a que tive !  
 Em quanto vive  
 Marilia bella ,  
 Não morre Amor.



## L Y R A XIII.

**O** h ! quantos riscos ;  
 Marilia bella ,  
 Não atropella  
 Quem cego arrasta  
 Grilhões de Amor !  
 Hum peito forte ;  
 De acordo salto ,  
 Zomba do assalto  
 Do yil traidor.

O amante de Hero

Da luz guiado ,  
C'o peito ousado ,  
Na escura noite  
Rompia o mar.

Se o Helesponto

Se encapelava ,  
Ah ! não deixava  
De lhe ir fallar.

Do cantor Thracio

A heroicidade ,  
Esta verdade ,  
Minha Marilia ,  
Próva tambem.

Cheio de esforço

Vai ao Cocito ,  
Buscar afflito  
Seu doce-bem.

Que acção tão grande  
Nunca intentada !  
Ao pé da entrada  
Já tudo affusta  
O coração !

Pendentes rochas ;  
Campos adustos ,  
Que nem arbustos ,  
Nem hervas dão.

Na funda fralda  
De calvo monte ,  
Corre Acheronte ,  
Rio de ardente  
Mortal licor.

Tem o barqueiro  
Testa enrugada ,  
Vista inflammada ,  
Que mete horrot.

Que seguranças !  
Que fechaduras !  
As portas duras  
Não são de lenhos ;  
De ferro são.

Por tres gargantas ,  
Quando alguém bate ,  
Raivoso late  
O negro cão.

Dentro da cova  
Soão lamentos ;  
E que tormentos  
Não mostra aos olhos  
A escassa luz !

Minos a pena  
Manda , se intime  
Igual ao crime ,  
Que ali conduz.

Grande penedo  
Este carrega ;  
E apenas chega  
Do monte ao cume ,  
O faz rolar.

A pedra sempre  
Ao valle desce ,  
Sem que elle cesse  
De a ir buscar.

Nas limpas aguas  
Habita aquelle :  
Por cima delle  
Verdejão ramos ,  
Que pomos dão.  
De balde a bocca  
Molhar pertende ;  
De baldé estende  
Faminta mão.

Tem outro o peito  
Despedaçado ;  
Monstro esfaimado  
Já mais defcança  
De lho roêr.

A roxa carne ;  
Que abutre come ,  
Não se consome ,  
Torna a crescer.

Mas bem que tudo  
Pavor inspira ,  
Tocando a lyra  
Desce ao Averno  
O bom Cantor.

Não se entorpece  
A lingua , e braço ;  
Não teme o passo ,  
Não perde a côr.

Ah ! tambem quanto  
 Dirceo obrára ,  
 Se precizára ,  
 Marilia bella ,  
 Do esforço feu !

Rompera os mares  
 C'o peito terno ,  
 Fôra ao Inferno ,  
 Subira ao Ceo.

Aos dois amantes ,  
 De Thracia , e Abydo ,  
 Não dêo Cupido  
 Do que aos mais todos  
 Maior vallor.

Por seus vassallos  
 Forças reparte ,  
 Como lhes parte-  
 Os grãos de Amor.

◆————◆

L Y R A XIV.

**M**INHA bella Marilia, tudo passa;  
 A forte deste mundo he mal segura;  
 Se vem depois dos males a ventura,  
 Vem depois dos prazeres a desgraça.

Estão os mesmos Deoses

Sujeitos ao poder do impio Fado:  
 Apollo já fugio do Ceo brilhante,  
 Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte  
 Acaba de roubar o bem que temos;  
 Até na triste campa não podemos  
 Zombar do braço da inconstante sorte.

Qual fica no Sepulcro,  
 Que seus avós erguerão, desçançado:  
 Qual no campo, e lhe arranca os frios ossos  
 Ferro do torto arado.

Ah!

Ah! em quanto os Destinos impiedosos  
 Não voltão contra nós a face irada,  
 Façamos, sim façamos, doce amada,  
 Os nossos breves dias mais ditozos.

Hum coração que frouxo  
 'A grata posse de seu bem differe,  
 A si, Marilia, a si proprio rouba,  
 E a si proprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores;  
 E façamos de feno hum brando leito;  
 Prendamo-nos, Marilia, em laço estreito,  
 Gozemos do prazer de sãos Amores.

Sobre as nossas cabeças,  
 Sem que o possão deter, o tempo corre;  
 E para nós o tempo, que se passa,  
 Tambem, Marilia, morre.

Com os annos , Marilia , o gosto falta ;  
E se entorpece o corpo já cançado ;  
Triste o velho cordeiro está deitado ,  
E o leve filho sempre alegre falta.

A mesma formosura

He dote que só goza a mocidade :  
Rugão-se as faces , o cabello alvéja ,  
Mal chega a longa idade.

Que havemos d'esperar , Marilia bella ?  
Que vão passando os florecentes dias ?  
As glorias , que vem tarde , já vem frias ;  
E póde em fim mudar-se a nossa estrella.

Ah ! não , minha Marilia ,  
Aproveite-se o tempo , antes que faça  
O estrago de roubar ao corpo as forças ,  
E ao semblante a graça.



## L Y R A X V .

**A** MINHA bella Marilia  
Tem de feu hum bom thesouro  
Náo he, doce Alceo, formado  
Do buscado  
Metal louro.

He feito de huns alvos dentes :  
He feito de huns olhos bellos ;  
De humas faces graciosas ,  
De crespos , finos cabellos ;  
E de outras graças maiores ;  
Que a natureza lhe dêo :  
Bens que valem sobre a terra ,  
E que tem valor no Ceo.

Eu posso romper os montes  
Dar ás correntes desvios;  
Pôr cercados espaçozos  
Nos caudozos  
Turvos rios.  
Posso emendar a ventura  
Ganhando altuto a riqueza;  
Mas, ah! caro Alceo, quem póde  
Ganhar huma só belleza  
Das bellezas, que Marilia  
No seu thesouro mettêo?  
Bens, que valem sobre a terra,  
E que tem valor no Ceo.

Da sorte que vive o rico  
Entre o fausto alegremente,  
Vive o guardador de gado  
Apoucado,  
Mas contente.

Beije pois torpe avarento  
 As arcas de barras chêas :  
 Eu não beijo os vis thesouros ;  
 Beijo as douradas cadêas ;  
 Beijo as settas , beijo as armas  
 Com que o cego Amor vencêo :  
 Bens , que valem sobre a terra ,  
 E que tem valor no Ceo.

Ama Apollo , o fero Marte ;  
 Ama , Alceo , o mesmo Jove :  
 Não he não a vã riqueza ,  
 Sim belleza  
 Quem os móve.

Posto ao lado de Marilia  
 Mais que mortal me contemplo :  
 Deixo os bens que aos homens cegão ,  
 Sigo dos Deoses o exemplo :  
 Amo virtudes , e dotes ;  
 Amo em fim , prezado Alceo ,  
 Bens que valem sobre a terra ,  
 E que tem valor no Ceo.



## L Y R A XVI.

**E**u, Glauceste, não duvido  
Ser a tua Eulina amada  
    Pastora formosa,  
    Pastora engraçada-  
Vejo a sua côr de rosa,  
Vejo o seu olhar divino,  
Vejo os seus purpureos beiços,  
Vejo o peito crystalino;  
Nem ha cousa que assemelhe  
Ao crespo cabello louro.  
Ah! que a tua Eulina valle,  
Valle hum immenso thesouro!

Ella vence muito, e muito  
A' lorangeira copada,  
    Estando de flores,  
    E frutos ornada.

He;

He , Glauceſte , os teus Amores ;  
E nem por outra Paſtora ,  
Que menos dotes tivera ,  
Ou que menos bella fôra ,  
O meu Glauceſte cançára  
As divinas cordás de ouro.  
Ah ! que a tua Eulina , valle ,  
Valle hum immenſo theſouro !

Sim , Eulina he huma Deoſa ;  
Mas anima a formoſura  
De huma alma de fera ,  
Ou inda mais dura.

Ah ! quando Alceo pondéra  
Que o ſeu Glauceſte ſufpira ,  
Perde , perde o ſofrimento ,  
E qual enfermo delira !  
Tenha embora brancas faces ,  
Meigos olhos , fios de ouro ,  
A tua Eulina não valle .  
Não valle immenſo theſouro.

O fuzil, que imita a cobra;  
Tambem aos olhos he bello;

Mas quando alumêa

Tu tremes de vélo.

Que importa se mostre chéa

De mil bellezas a ingrata?

Não se julga formosura

A formosura que mata.

Evita, Glauceste, evita

O teu estrago, e desdouro.

A tua Eulina não valle,

Não valle immenso thesouro.

A minha Marilia quanto

A' natureza não deve!

Tem divino rosto,

E tem mãos de neve.

Se mostro na face o gosto,  
 Ri-se Marilia contente:  
 Se canto, canta comigo;  
 E apenas triste me fente,  
 Limpa os olhos com as tranças  
 Do fino cabello louro.  
 A minha Marilia valle,  
 Valle hum immenso thesouro.



## L Y R A XVII.

**M**INHA Marilia  
 Tu enfadada?  
 Que mão ousada  
 Perturbar póde  
 A paz sagrada  
 Do peito teu?

Porém que muito  
Que irado esteja  
O teu semblante ,  
Tambem troveja  
O claro Ceo.

Eu fei , Marilia ,  
Que outra Pastora  
A toda a hora ,  
Em toda a parte ;  
Cega namora  
Ao teu Pastor.

Ha sempre fumo  
Aonde ha fogo ;  
Assim , Marilia ,  
Ha zelos logo ,  
Que existe amor.

Olha , Marilia ,  
Na fonte pura  
A tua alvura ,  
A tua bocca ,  
E a compostura  
Das mais feições.

Quem tem teu rosto ,  
Ah ! não receia ,  
Que terno amante  
Solte a cadeia ,  
Quebre os grilhões.

Não anda Laura  
Nestas campinas  
Sem as boninas  
No seu cabelo ,  
Sem pelles finas  
No seu jubão.

Porém que importa?

O rico aceio  
 Não dá, Marília,  
 Ao rosto feio  
 A perfeição.



LYRA XVIII.

**N**ão ves aquelle velho respeitavel,  
 Que á moleta encoestado,  
 Apenas mal se move, e mal se arrasta?  
 Oh quanto estrago não lhe fez o tempo?  
 O tempo arrebatado,  
 Que o mesmo bronze gasta.

Enrugarão-se as faces, e perderão  
 Seus olhos a viveza;  
 Voltou-se o seu cabello em branca neve:  
 Já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo;  
 Nem tem huma belleza  
 Das bellezas que teve,  
 E ii

Affim tambem ferei , minha Marilia  
Daqui a poucos annos ;  
Que o impio tempo para todos corre.  
Os dentes cahirão , e os meus cabellos.  
Ah ! sentirei os damnos ,  
Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei huma velhice  
Muito menos penoza.  
Não trarei a moleta carregada :  
Descançarei o já vergado corpo  
Na tua mão piedoza ,  
Na tua mão nevada.

As frias tardes em que negra nuvem  
Os chuveiros não lance ,  
Irei contigo ao prado florescente :  
Aqui me buscarás hum sitio ameno ,  
Onde os membros descance ,  
E ao brando Sol me aquente.

Apenas me sentar, então movendo

Os olhos por aquella

Vistoza parte, que ficar fronteira;

Apontando direi: *Ali fallámos,*

*Ali, ó minha bella,*

*Te vi a vêz primeira.*

Verterão os meus olhos duas fontes,

Nascidas de alegria:

Farão teus olhos ternos outro tanto:

Então darei, Marilia, frios beijos,

Na mão formosa, e pia,

Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marilia, docemente

Meu corpo suportando

Do tempo deshumano a dura guerra.

Contente morrerei, por ser Marilia

Quem sentida chorando,

Meus baços olhos cerra.



## L Y R A XIX.

**E**M quanto pasta alegre o manso gado,  
 Minha bella Marilia, nos sentemos  
 A' sombra deste cedro levantado.

Hum pouco meditemos  
 Na regular belleza,  
 Que em tudo quanto vive, nos descobre  
 A sabia Natureza.

Attende, como aquella vaca preta  
 O novelhinho seu dos mais separa,  
 E o lambe, em quanto chupa a liza teta.

Attende mais, ó chara,  
 Como a ruiva cadella  
 Suporta que lhe morda o filho o corpo,  
 E falte em cima della.

Repara, como cheia de ternura  
Entre as azas ao filho essa ave aqueita:  
Como aquella esgravata a terra dura,  
E os seus affim sustenta;  
Como se encoleriza,  
E falta sem receio a todo o vulto,  
Que junto delles piza:

Que gosto não terá a esposa amante  
Quando der ao filhinho o peito brando,  
E reflectir então no seu semblante!

Quando, Marilia, quando  
Differ comigo: *he esta*  
*De teu querido pai a mesma barba,*  
*A mesma bocca, e testa.*

Que gosto não terá a mãe, que toca,  
Quando o tem nos seus braços, c'o dedinho  
Nas faces graciosas, e na bocca

Do innocente filhinho!  
Quando, Marilia bella,  
O tenro infante já com risos mudos  
Começa a conhecê-la!

Que

Que prazer não terão os pais ao verem  
 Com as mãis hum dos filhos abraçados;  
 Jogar outros a luta, outros correrem  
 Nos cordeiros montados!  
 Que estado de ventura!  
 Que até naquillo, que de pezo serve,  
 Inspira Amor doçura.



## LYRA XX.

**E**M huma frondosa  
 Roseira se abria  
 Hum negro botão.  
 Marilia adorada  
 O pé lhe torcia  
 Com a branca mão.

Nas folhas viçosas  
A abelha enraivada  
O corpo escondêo.  
Tocou-lhe Marilia,  
Na mão descuidada  
A fera mordêo.

Apenas lhe morde,  
Marilia gritando,  
C'o dedo fugio.  
Amor, que no bosque  
Estava brincando,  
Aos ais acudio.

Mal vio a rotura,  
E o sangue espargido;  
Que a Deosa mostrou;  
Risonho beijando  
O dedo offendido,  
Assim lhe fallou.

*Se tu por tão pouco  
 O pranto desatas,  
 Ah! dá-me attenção;  
 E como daquelle,  
 Que feres, e matas,  
 Não tens compaixão?*



## L Y R A XXI.

**N**ão fei, Marilia, que tenho,  
 Depois que vi o teu rosto;  
 Pois quanto não he Marilia,  
 Já não posso ver com gosto.

Noutra idade me alegrava,  
 Até quando conversava  
 Com o mais rude vaqueiro:  
 Hoje, ô bella, me aborrece  
 Inda o trato lizongeiro  
 Do mais discreto pastor.  
 Que effeitos são os que sinto!  
 Serão effeitos de Amor?

Sáio da minha cabana  
Sem reparar no que faço ;  
Busco o sitio aonde moras ,  
Suspendo defronte o passo.

Fito os olhos na janella ,  
Aonde, Marilia bella ,  
Tu chegas ao fim do dia ;  
Se alguém passa , e te faúda ,  
Bem que seja cortezia ,  
Se accende na face a côr.  
Que effeitos são os que sinto !  
Serão effeitos de Amor ?

Se estou , Marilia , contigo ,  
Não tenho hum leve cuidado ;  
Nem me lembra , se são horas  
De levar á fonte o gado.

Se vivo de ti distante,  
Ao minuto, ao breve instante,  
Finge hum dia' o meu desgosto:  
Já mais, Pastora, te vejo  
Que em teu semblante composto  
Não veja graça maior.  
Que effeitos são os que sinto!  
Serão effeitos de Amor?

Ando já com o juizo,  
Marilia, tão perturbado,  
Que no mesmo aberto fulco  
Metto de novo o arado.

Aqui no centêo pégo,  
Noutra parte em vão o cego:  
Se alguém commigo conversa,  
Ou não respondo, ou respondo  
Noutra coisa tão diversa,  
Que nexo não tem menor.  
Que effeitos são os que sinto!  
Serão effeitos de Amor?

Se geme o bufo agoureiro  
Só Marília me desvella :  
Enche-se o peito de magoa ,  
E não fei a causa della.

Mal durmo, Marília, sonho,  
Que fero leão medonho  
Te devora nos meus braços :  
Gella-se o sangue nas veias.  
E sólto do somno os laços  
A' força da immensa dor.  
Ah! que os effeitos que sinto  
Só são effeitos de Amor.



## L Y R A XXII.

**M**uito embora, Marília, muito embora  
Outra belleza, que não seja a tua,  
Com a vermelha roda, a feis puxada  
Faça tremer a rua,

As paredes da falla aonde habitã  
Adorne a seda, e o tremó dourado,  
Pendão largas cortinas, penda o lustre  
Do tecto apainelado.

Tu não habitarás Palacios grandes,  
Nem andarás nos coches voadores;  
Porém terás hum Vate, que te preze,  
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura;  
E da palida morte a mão tyranna  
Arraza os edificios dos Augustos,  
E arraza a vil choupana.

Que bellezas, Marilia, florecerão  
De quem nem se quer temos a memoria!  
Só pódem conservar hum nome eterno  
Os versos, ou a historia.

Senão houvesse Tasso, nem Petrarcha,  
 Por mais que qualquer dellas fosse linda,  
 Já não sabia o mundo, se existirão  
 Nem Laura, nem Clorinda.

He melhor, minha bella, ser lembrada  
 Por quantos hão de vir sabios humanos,  
 Que ter urcos, ter coches, e thesouros,  
 Que morrem com os annos.



L Y R A XXIII.

**N**UM sitio ameno  
 Cheio de rosas,  
 De brancos lyrios,  
 Murtas viçozas;

Dos seus amores  
 Na companhia  
 Dirceo passava  
 Alegre o dia.

Em

Em tom de graça,  
Ao terno amante  
Manda Marilia  
Que toque, e cante.

Pega na lyra,  
Sem que a tempere,  
A voz levanta,  
E as cordas fere.

C'os doces pontos  
A mão atina,  
E a voz iguala  
A voz divina.

Ella, que teve  
De rir-se a idéa,  
Nem move os olhos  
De assombro chéa,

Então Cupido  
Apparecendo,  
A' bella falla  
Assm dizendo:

*Do teu amado  
A lyra fias,  
Só porque delle  
Zombando rias?*

*Quando n'um peito  
Assento faço,  
Do peito subo  
A' lingoa, e braço.*

*Nem creias que outro  
Estyllo tome,  
Sendo eu o mestre,  
A acção teu nome.*



## L Y R A XXIV.

**E**NCHEO, minha Marilia, o grande Jove  
 De immensos animaes de toda a especie  
     As terras, mais os ares,  
 O grande espaço dos falobres rios,  
     Dos negros, fundos mares.  
     Para sua deffeza,  
 A todos dêo as armas, que convinha,  
     A' sabia Natureza.

Dêo as azas aos passaros ligeiros;  
 Dêo ao peixe escamoso as barbatanas:  
     Dêo veneno á serpente,  
 Ao membrudo Elefante a enorme tromba,  
     E ao Javali o dente.  
     Coube ao leão a garra:  
 Com leve pé saltando o fervo foge;  
     E o bravo touro marra.

Ao homem dêo as armas do discurso  
Que valem muito mais que as outras armas:  
Dêo-lhe dedos ligeiros,  
Que pôdem converter em seu serviço  
Os ferros, e os madeiros;  
Que tecem fortes laços,  
E forjão raios com que aos brutos cortão  
Os voos, mais os passos.

A's timidas donzellas pertencerão  
Outras armas, que tem dobrada força:  
Dêo-lhes a Natureza  
Além do entendimento, além dos braços  
As armas da belleza.  
Só ella ao Ceo se atreve;  
Só ella mudar pôde o gello em fogo;  
Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo fer a formosura  
Quem arrancou da mão de Coriolano  
A cortadora espada.  
Vejo que foi de Helena o lindo rosto  
Quem pôz em campo armada  
Toda a força de Grecia.  
E quem tirou o Sceptro aos Reis de Roma,  
Só foi, só foi Lucrecia.

Se podem lindos rostos, mal suspirão,  
O braço defarmar do mesmo Achilles;  
Se estes rostos irados  
Pódem soprar o fogo da discórdia  
Em povos aliados;  
Es arbitra da terra;  
Tu podes dar, Marilia, a todo o mundo  
A páz, e a dura guerra.

◆————◆  
L Y R A XXV.

**O** CEGO Cupido hum dia  
Com os seus Genios fallava,  
Do modo que lhe restava  
De captivar a Dirceo.

Depois de larga disputa,  
Hum dos Genios mais sagazes  
Este conselho lhe deo:

As fettas mais aguçadas,  
Como se em róxa batessem,  
Dão nos seus peitos, e descem  
Todas quebradas ao chão.

Só as graças de Marilia  
Pódem vencer hum tão duro,  
Tão izento coração,

A fortuna desta empreza  
Consiste em armar-se o laço,  
Sem que sinta ser o braço,  
Que lho prepara, de Amor.

Que elle vive como as aves,  
Que já deixarão as pennas  
No visco do Caçador.

Na força deste conselho  
O raivozo Deos focega,  
E á tropa á honra entrega  
De o fazer executar.

Todos pertendem ganhá-la,  
Batem as azas ligeiros,  
E vão as armas buscar.

Os primeiros se occultarão  
Da Deosa nos olhos bellos:  
Qual se enlaçou nos cabellos,  
Qual ás faces se prendêo.

Hum amorinho cansado  
Cahio dos lábios ao feio,  
E nos peitos se escondeo.

Outro Genio mais astuto  
Este novo ardil alcança,  
Muda-se n'uma criança  
De divino parecer.

Esconde as azas, e a venda;  
Esconde as settas, e quanto  
Póde dá-lo a conhecer.

Ella que vê hum menino  
Todo de graças cuberto,  
Tão rizonho, e tão esperto  
Ali sózinho brincar.

A elle endireita os passos ;  
Finge Amor ter medo, e a Deosa  
Mais se empenha em lhe pegar.

Ella corria chamando ;  
Elle fugia, e chorava :  
Assim forão onde estava  
O descuidado Pastor.

Este, mal vio a belleza,  
E o gentil menino, entende  
A malicia do traidor,

Põe as mãos sobre os ouvidos ,  
Cerra os olhos , e constante  
Não quer ver o seu semblante ,  
Não o quer ouvir fallar.

Qual Ulyffes noutra idade  
Para illudir as Seréas  
Mandou tambores tocar.

Cupido , que a empreza via ,  
Julga o intento frustrado ,  
E de raiva trasportado  
O corpo no chão lançou.

Traçou a lingoa nos dentes ;  
Mettêo as unhas no rosto ,  
E os cabellos arrancou.

O Genio , que se escondia  
Entre os peitos da Pastora ,  
Erguêo a cabeça fóra ,  
E o successo conhecêo.

Deixa o focego em que estava ,  
E vai ligeiro metter-se  
No peito do bom Dirceo.

Apenas c'o brando peito  
Lhe tocou a neve fria ,  
Com o calor que trazia  
Lhe abrazou o coração.

Dá o Pastor hum suspiro ,  
Abre os seus olhos , e sólta  
Do apertado ouvido a mão.

Logo que virão os Genios  
Ao triste Pastor disposto  
Para vêr o lindo rosto,  
Para as palavras ouvir.

Cada hum as armas toma,  
Cada hum com ellas busca  
Seu terno peito ferir.

Com os cabellos da Deosa  
Lhe fórma hum Cupido laços,  
Que lhe segurão os braços,  
Como se fossem grilhões.

O Pastor já não resiste;  
Antes beija satisfeito  
As suas doces prizões.

◆ ————— ◆

L Y R A XXVI.

**O** DE'STRO Cupido hum dia  
 Extrahio mimofas cores  
 De frescos lyrios, e rofas,  
 De jasmims, e de outras flores.

Com as mais delgadas pennas  
 Ufa de huma, e de outra tinta,  
 E nos angulos do cobre  
**A** quatro bellezas pinta.

Por fazer pensar a todos  
 No feu lizo centro escreve  
 Hum leteiro, que pergunta:  
*Este espaço a quem se deve?*

Venus, que vio a pintura,  
 E lêo a letra engenhosa,  
 Pôz por baixo: *Eu delle cedo;*  
*De-se a Marilia formosa.*



## L Y R A XXVII.

**A**LEXANDRE, Marilia, qual o rio  
Que engrossando no Inverno tudo arraza,  
Na frente das cohortes  
Cerca, vence, abraza  
As Cidades mais fortes.  
Foi na gloria das armas o primeiro,  
Morrêo na flor dos annos, e já tinha  
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom Soldado, cujo nome  
Não ha poder algum, que não abata,  
Foi, Marilia, sómente  
Hum ditozo pirata,  
Hum salteador valente.  
Se não tem huma fama baixa, e escura,  
Foi por se pôr ao lado da injustiça  
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vòã,  
A' sua mesma Patria a fé quebranta;  
Na mão a espada toma,  
Opprime-lhe a garganta,  
Dá Senhores a Roma.

Confegue ser heroe por hum delicto;  
Se acafo não venceffe então seria  
Hum vil traidor proscripto.

O ser heroe, Marilia, não consiste  
Em queimar os Imperios: move a guerra,  
Espalha o fangue humano,  
E despovoa a terra  
Tambem o máo tyranno.  
Consiste o ser heróe em viver justo:  
E tanto póde ser heróe o pobre,  
Como o maior Augusto.

Eu he que sou heróe , Marilia bella ,  
 Seguindo da virtude a honroza estrada.

Ganhei , ganhei hum throno.

Ah ! não manchei a espada ,

Não a roubei ao dono.

Ergui-o no teu peito , e nos teus braços :

E valem muito mais que o mundo inteiro

Huns tão ditozos laços.

Aos barbaros , injustos vencedores

Atormentão remorfos , e cuidados ;

Nem descansação seguros

Nos Palacios cercados

De tropa , e de altos muros.

E a quantos nos não mostra a sabia historia

A quem mudou o fado em negro opprobrio

A mal ganhada gloria ?

Eu vivo , minha bella , fim , eu vivo  
 Nos braços do descanso, e mais do gosto:  
 Quando estou acordado ,  
 Contemplo no teu rosto  
 De graças adornado ;  
 Se durmo logo fonho , e ali te vejo.  
 Ah ! nem desperto , nem dormindo sóbe  
 A mais o meu desejo.



## L Y R A XXVIII.

**C**UPIDO tirando  
 Dos hombros a aljava,  
 N'um campo de flores  
 Contente brincava.

E o corpo tenrinho  
 Depois enfadado ,  
 Incauto reclina  
 Na relva do prado.

Marilia formosa,  
Que ao Deos conhecia,  
Occulta espreitava  
Quanto elle fazia.

Mal julga que dorme  
Se chega contente,  
As armas lhe furta,  
E o Deos a não sente.

Os Faunos mal virão  
As armas roubadas,  
Sahirão das grutas  
Soltando rizadas.

Acorda Cupido,  
E a causa sabendo,  
A quantos o insultão  
Responde dizendo:

*Temeis as Jettas  
 Nas minhas mãos cruas?  
 Vereis o que podem  
 Agora nas suas.*



## L Y R A XXIX.

**O** TYRANNO Amor risonho  
 Me apparece, e me convida  
 Para que seu jugo aceite;  
 E quer, que eu passe em deleite  
 O resto da triste vida.

*O sonoro Anacreonte  
 (Astuto o moço dizia)  
 Já perto da morte estava,  
 Inda de amores cantava;  
 Por isso alegre vivia.*

Aos negros, duros pezares  
 Não resiste hum peito fraco,  
 Se Amor o não fortalece:  
 O mesmo Jove carece  
 De Cupido, e mais de Baccbo.

Eu lhe respondo: Perjuro,  
 Nada creio do que dizes!  
 Porque já te fui sujeito,  
 Inda conservo no peito  
 Estas frescas cicatrizes!

Amor, vendo que da offerta  
 Algum apreço faço,  
 Me diz affeito, que trate  
 De ir com elle a combate  
 Peito a peito, braço a braço;

Vou buscar as minhas armas  
 Cinjo primeiro que tudo  
 O brilhante arnêz, e á preſta  
 Ponho hum elmo na cabeça,  
 Tomo a lança e o grollo eſcudo.

Mal no Campo me apresento  
 Marilia ( ó Ceos! ) me apparece  
 Logo que os olhos me fita,  
 O meu coração palpita,  
 A minha mão desfallece.

Então me diz o tyranno:  
*Confessa louco o teu erro;*  
*Contra' as armas da belleza,*  
*Não valle a externa deſfeza*  
*Dessa armadura de ferro.*

◆————◆

 LYRA XXX.

**J**UNTO a huma clara fonte  
 A mãe de Amor se sentou:  
 Encostou na mão o rosto,  
 No leve somno pegou.

Cupido, que a vio de longe,  
 Contente ao lugar corréo;  
 Cuidando que era Marilia  
 Na face hum beijo lhe dêo.

Acorda Venus irada:  
 Amor a conhece: e então  
 Da ouzadia, que teve,  
 Assim lhe pede o perdão:

*Foi facil, ó mãe formosa,  
 Foi facil, o engano meu;  
 Que o semblante de Marilia  
 He todo o semblante teu.*



## L Y R A   X X X I .

**M**INHA Marilia ,  
Se tens belleza ,  
Da Natureza  
He hum favor.  
Mas se aos vindouros  
Teu nome passa ,  
He só por graça  
Do Deos de amor ,  
Que terno inflamma  
A mente , o peito  
Do teu Pastor.

**E**m vão se virão  
 Perlas mimosas,  
 Jasmims, e rosas  
 No rosto teu.  
**E**m vão terias  
 Essas estrellas,  
**E** as tranças bellas  
**Q**ue o Ceo te dêo;  
 Se em doce verso  
 Não as cantasse  
**O** bom Dirceo.

O voráz tempo  
Ligeiro corre :  
Com elle morre  
A perfeição.  
Essa que o Egypto  
Sábia modera,  
De Marco impera  
No coração ;  
Mas já Octavio  
Não sente a força  
Do seu grilhão.

Ah! vem, ó bella,  
E o teu querido,  
Ao Deos Cupido  
Louvores dar!  
Pois fáz que todos  
Com igual forte  
Do tempo, e morte  
Pofsão zombar;  
Tú por formosa,  
E elle, Marilia,  
Por te cantar.

Mas ai! Marilia,  
Que de hum amante,  
Por mais que cante,  
Gloria não vem!  
Amor se pinta  
Menino, e cego:  
No doce emprego  
Do charo bem  
Não vê defeitos,  
E aumenta, quantas  
Bellezas tem.

Nenhum dos Vates;  
Em teu conceito,  
Nutrio no peito  
Nescia paixão?  
Todas aquellas,  
Que vês cantadas,  
Forão dotadas  
De perfeição?  
Forão queridas;  
Porém formosas  
Talvez que não.

Porém que importa  
Não valha nada  
Seres cantada  
Do teu Dirceo ?  
Tu tens, Marilia,  
Cantor celleste;  
O meu Glauceste  
A voz ergueo;  
Irá teu nome  
Aos fins da Terra,  
E ao mesmo Ceo.

Quando nas azas  
 Do leve vento  
 Ao Firmamento  
 Teu nome for:  
 Mostrando Jove  
 Graça extremoza,  
 Mudando a Esposa  
 De inveja a cor;  
 De todos ha-de,  
 Voltando o rosto,  
 Sorrir-se Amor.

Ah!

Ah! não se manche  
 Teu brando peito  
 Do vil deffeito  
 Da ingratição:  
 Os verfos beija,  
 Gentil Pastora,  
 A penna adora,  
 Respeita a mão,  
 A mão discreta,  
 Que te segura  
 A duração.

◆ ————— ◆  
L Y R A XXXII.

**N**UMA noite socegado  
Velhos papeis revolvia,  
E por ver de que tratavão,  
Hum por hum a todos lia.

Erão copias emendadas  
De quantos versos melhores,  
Eu compuz na tenra idade  
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas  
Contra a ventura formadas,  
Leio excessos mal acceitos,  
Doces promessas quebradas.

Vendo fôrças tamanhas  
Eu exclamo transportado:  
*Que finezas tão mal feitas!*  
*Que tempo tão mal passado!*

Junto pois n'hum grande monte  
Os soltos papéis , e logo ,  
Porque reliquias não fiquem ,  
Os intento pôr no fogo.

Então vejo , que o Deos cego ,  
Com semblante carregado ,  
Assim me falla , e crimina  
O meu intento acertado:

*Queres queimar esses versos ?*  
*Dize , Pastor atrevido ,*  
*Essas Lyras não te forão*  
*Inspiradas por Cupido ?*

*Achas , que de taes amores*  
*Não deve existir memoria ?*  
*Sepultando esses triunfos ,*  
*Não roubas a minha gloria ?*

Disse Amor; e mal se calla,  
 Nos seus hombros a mão pondo,  
 Com hum semblante sereno,  
 Assim á queixa respondo:

*Depois, Amor, de me deres  
 A minha Marilia bella,  
 Devo guardar humas Lyras,  
 Que não são em honra della?*

*E que importa, Amor, que importa  
 Que a estes papeis destrua;  
 Se he tua esta mão, que os rasga,  
 Se a chamma, que os queima he tua?*

Apenas Amor me escuta,  
 Mandá que os lance nas brazas;  
 E ergue a chamma c'o vento,  
 Que formou batendo as azas.



## L Y R A XXXIII.

**P**EGA na lyra sonora,  
 Pega, meu caro Glauceste;  
 E ferindo as cordas de ouro,  
 Mostra aos rusticos Pastores  
 A formosura celeste  
 De Marilia, meus amores.

Ah, pinta, pinta

A minha bella!

E em nada a copia

Se affaste della.

Que concurso, meu Glauceste!  
 Que concurso tão ditoso!  
 Tu és digno de cantares  
 O seu semblante divino;  
 E o teu canto sonoro  
 Tambem do seu rosto he dino.

Ah

Ah, pinta, pinta  
A minha bella!  
E em nada a copia  
Se affaste della.

Para pintares ao vivo  
As suas faces mimosas,  
A discreta Natureza,  
Que providencia não teve!  
Creou no jardim as rosas,  
Fez o lyrio, e fez a neve.

Ah, pinta, pinta  
A minha bella!  
E em nada a copia  
Se affaste della.

A pintar as negras tranças  
Peço que mais te desvelles:  
Pinta chufmas de amorinhos  
Pelos seus fios trepando,  
Huns tecendo cordas delles,  
Outros com elles brincando.

Ah , pinta , pinta  
 A minha bella !  
 E em nada a copia  
 Se affaste della.

Para pintares , Glauceste ,  
 Os seus beijos graciosos ,  
 Entre as flores tens o cravo ,  
 Entre as pedras a granada ,  
 E para os olhos formosos  
 A Estrella da madrugada.

Ah , pinta , pinta  
 A minha bella !  
 E em nada a copia  
 Se affaste della.

Mal retratares do rosto  
 Quanto julgares precizo  
 Não dês a copia por feita ;  
 Passa a outros dotes , passa ;  
 Pinta da vista , e do riso  
 A modestia , mais a graça.

Ah, pinta, pinta  
 A minha bella!  
 E em nada a copia  
 Se affaste della,

Pinta o garbo de feu rosto  
 Com expressões delicadas;  
 Aos seus pés, quando passeão,  
 Pizando ternos amores;  
 E as mesmas plantas calcadas  
 Brotando viçoças flores.

Ah, pinta, pinta  
 A minha bella!  
 E em nada a copia  
 Se affaste della,

Pinta mais, prezado amigo,  
 Hum terno amante beijando  
 Suas doiradas cadeias;  
 E em doce pranto desfeito,  
 Ao monte, e valle ensinando  
 O nome, que tem no peito.

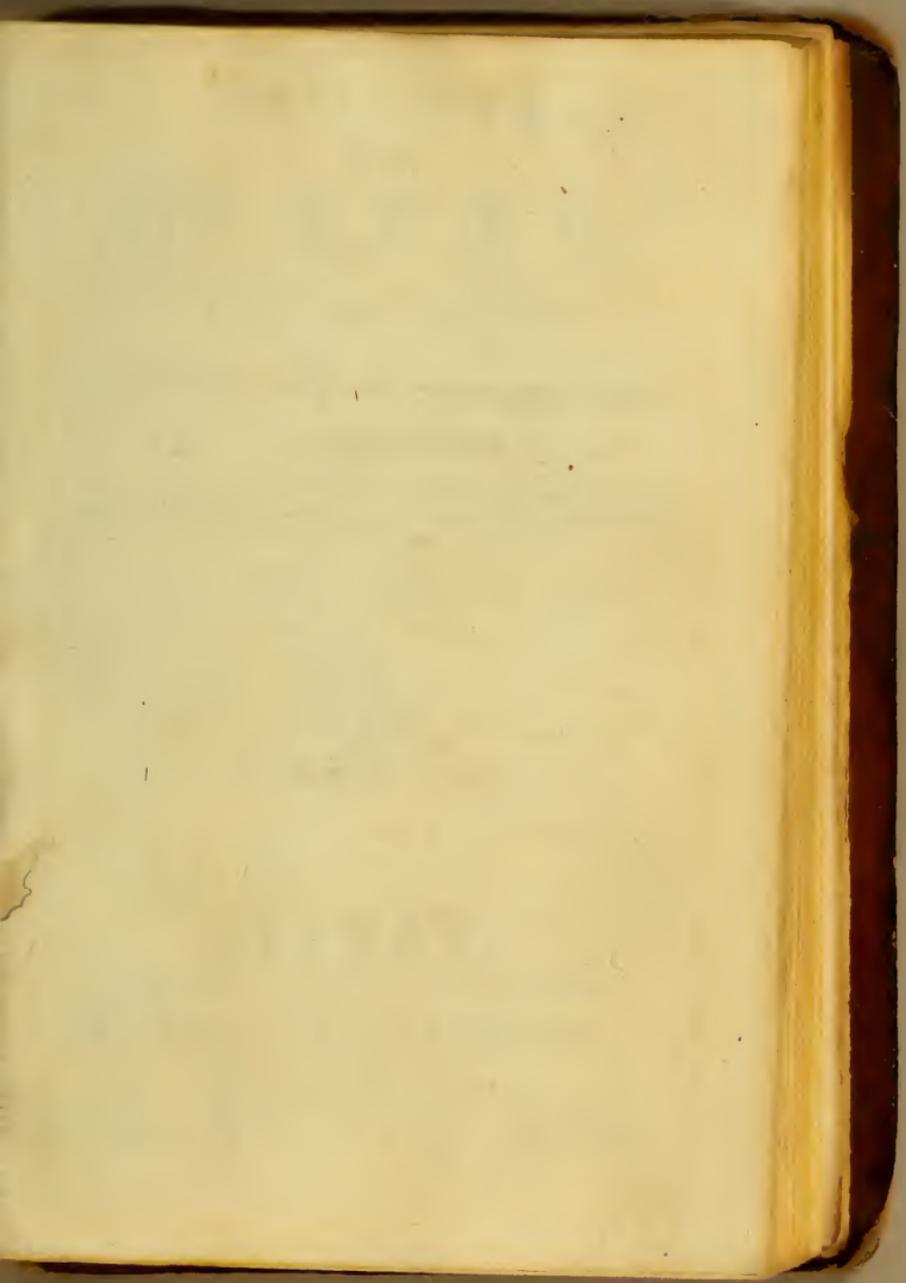
Ah

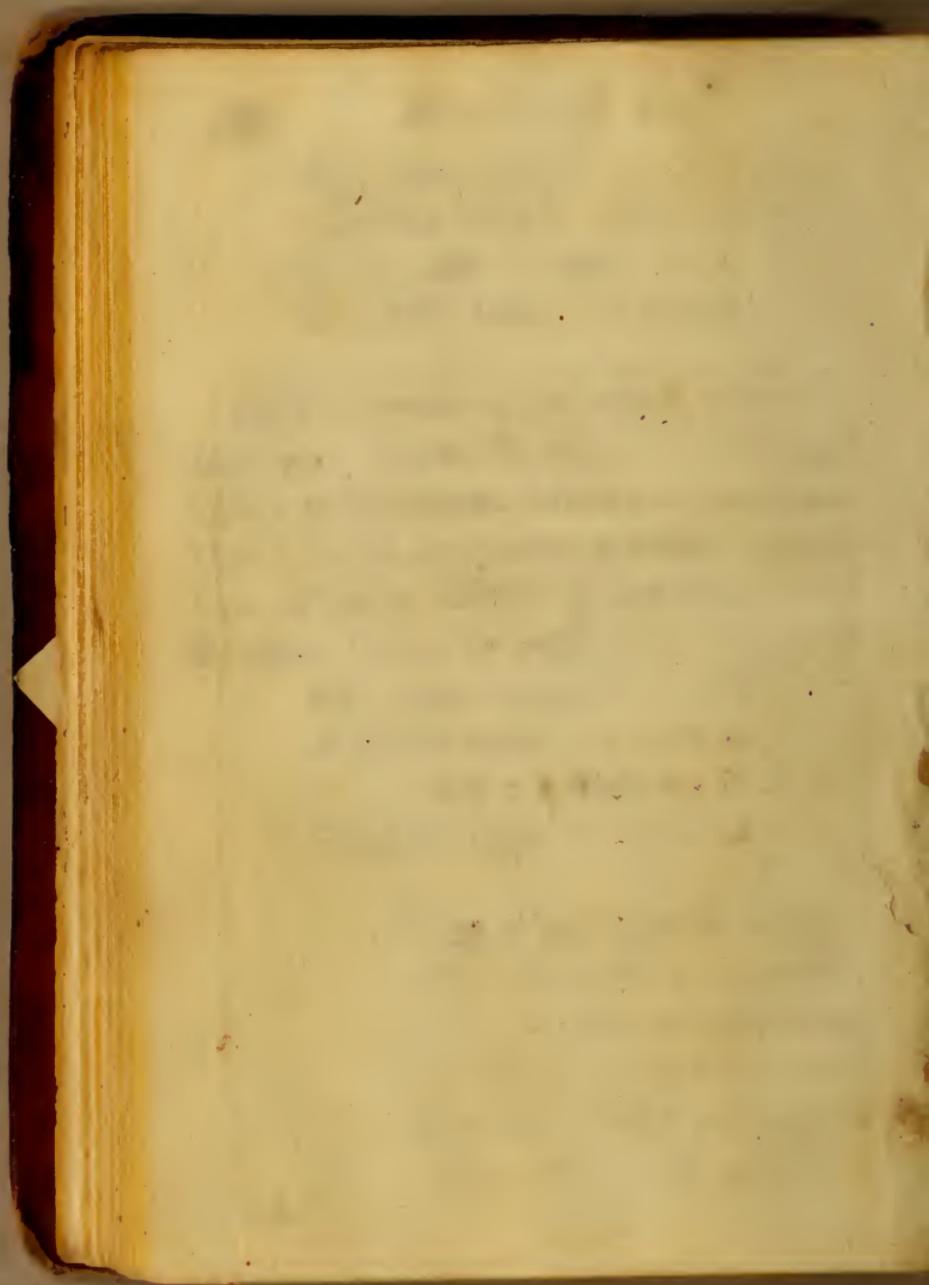
Ah , pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a copia  
Se affaste della.

Nem suspendas o teu canto ,  
Inda que , Pastor , se veja  
Que a minha bocca suspira ,  
Que se banha em pranto o rosto ;  
Que os outros chorão de inveja ;  
E chora Dirceo de gosto.

Ah , pinta , pinta  
A minha bella !  
E em nada a copia  
Se affaste della.

F I M.





MARILIA  
DE  
DIRCEO.

POR T. A. G.

---

SEGUNDA PARTE.

---



LISBOA:

---

NA OFFICINA NUNESIANA:

ANNO M. DCC. XCIX.

*Com licença da Meza do Desembargo do Paço:*

THE

RECORD

OF

THE

18

18

18

18

18

✽ {XXXXXXXXXX} © {XXXXXXXXXX} ✽  
M A R I L I A.  
D E  
D I R C E O.

◆ ————— ◆  
L Y R A I.

**J**A' não cínjo de loiro a minha testa,  
Nem sonoras Canções o Deos me inspira:  
Ah! que nem me resta  
Huma já quebrada,  
Mal sonora Lyra!

Mas neste mesmo estado em que me vejo,  
Pede, Marilia, Amor que vá cantar-te:  
Cumpro o seu desejo;  
E ao que resta suppra  
A paixão, e a arte.

A fumaça , Marília , da candêa ,  
Que a molhada parede ou çuja , ou pinta ;  
    Bem que tosca , e fêa ,  
    Agora me pôde  
    Min'strar a-tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta :  
Elle me diz , que faça no pé de huma  
    Má laranja ponta ,  
    E delle me sirva  
    Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não , não devo  
Verás , Marília , huma idéa nova :  
    Sim , eu já te escrevo ,  
    Do que esta alma dita  
    Quanto amor approva.

Quem vive no regaço da ventura,  
Nada obra em te adorar, que affombro faça:

Mostra mais ternura

Quem te estima, e morre

Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa

Ainda vendo estou teus olhos bellos,

A teila formosa,

Os dentes nevados,

Os negros cabellos.

Vejo, Marilia, sim, e vejo ainda

A chusma dos Cupidos, que pendentos

Desfia bocca linda,

Nos ares espalhão

Suspiros ardentes.

Se alguém me perguntar onde eu te vejo,  
Responderei = no peito = que huns Amores  
De casto desejo  
Aqui te pintarão,  
E são bons Pintores.

Mal meus olhos te virão, ah! nessa hora  
Teu Retrato fizerão, e tão forte,  
Que entendo, que agora  
Só póde apagallo  
O pulso da Morte.

Ísto escrevia, quando, ó Céos, que pejo!  
Descubro a lêr-me os versos o Deos loiro.  
Ah! da-lhes hum beijo,  
E diz-me que valem  
Mais que letras de oiro.

◆ ————— ◆

LYRA II.

**E** Sprema a vil calunnia muito embora  
Entre as mãos denegridas, e insolentes

Os venenos das plantas,

**E** das bravas serpentes.

Chovão raios e raios, no meu rosto

Não has-de ver, Marília, o medo escrito :

O medo perturbado,

Que infunde o vil delicto.

Pódem muito conheço, pódem muito,

As Furias infernaes, que Pluto movê;

Mas póde mais, que todas

Hum dedo só de Jove.

Este Deos convertêo em flor mimosa,  
 A quem seu nome derão, a Narciso,  
 Fêz de muitos os A tros,  
 Qu' inda no Ceo diviso.

Elle pôde livrar-me das injurias  
 Do nescio, do atrevido, ingrato-povo;  
 Em nova flor mudar-me,  
 Múdar-me em Altro novo.

Porém se os justos Céos por fins occultos  
 Em tão tyranno mal me não soccorrem,  
 Verás então, que os sabios,  
 Bem como vivem, morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo.  
 Tu, formosa Mar- lia, bem o sabes:  
 Hum coração, e basta,  
 Onde tu mesma cabes.



## LYRA III.

**S**uccede, Marilia bella,  
 A' medonha noite o dia:  
 A estação chuvosa e fria,  
 A' quente fecca estação.

Muda-se a forte dos tempos;

Só a minha forte não?

Os troncos, nas Primaveras,

Brotão em flores viçosos;

Nos Invernos escabrosos

Largão as folhas no chão.

Muda-se a forte dos troncos;

Só a minha forte não?

Aos brutos, Marilia, cortão  
Armadas redes os passos;  
Rompem depois os seus laços,  
Fogem da dura prisão.

Muda-se a forte dos brutos;

Só a minha forte não?

Nenhum dos homens conserva  
Alegre sempre o seu rosto;  
Depois das penas vem gosto,  
Depois do gosto afflicção.

Muda-se a forte dos homens

Só a minha forte não?

Aos altos Deoses movêrão  
Soberbos Gigantes guerra;  
No mais tempo o Ceo, e a Terra  
Lhes tributa adoração.

Muda-se a forte dos Deoses;

Só a minha forte não?

Hade, Marilia, mudar-se  
Do destino a inclemencia:  
Tenho por mim a innocencia,  
Tenho por mim a razão.

Muda-se a forte de tudo;  
Só a minha forte não?

O tempo, ó bella, que gasta  
Os troncos, pedras, e o cobre,  
O véo rompe, com que encobre  
A verdade a vil-traição.

Muda-se a forte de tudo;  
Só a minha forte não?

Qual eu sou verá o mundo,  
Mais me dará do que eu tinha,  
Tornarei a ver-te minha.

Que feliz consolação!

Não ha de tudo mudar-se,  
Só a minha forte não.



## L Y R A IV.

**J**A', já me vai, Marilia, branquejando  
Loiro cabello, que circúla a testa;  
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,  
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,  
E vão-se sobre os ossos enrugando,  
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;  
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergão;  
As forças dos meus membros já se gastão,  
Vou a dar pela casa huns curtos passos,  
Pesão-me os pés, e arrastão.

Se

Se algum dia me vires desta sorte,  
Vê que assim me não pôz a mão dos annos:  
Os trabalhos, Marília, os sentimentos,  
Fazem os mesmos danos.

Mal te vir me dará em poucos dias,  
A minha mocidade o doce gosto;  
Ver's burnir-se a pelle, o corpo encher-se,  
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso Verão as plantas seccão;  
Na Primavera, que aos mortaes encanta,  
Apenas cahe do Ceo o fresco orvalho,  
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padccc;  
Mas logo que a doença fez seu termo;  
Torna, Marília, a ser quem era d'antes,  
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente, ou qual a planta,  
 No meio da desgraça, que me altera:  
 Eu tambem te supponho qual faude,  
 Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos  
 Aos mesmos Astros luz, e vida ás flores;  
 Que effeitos-não farão, em quem por elles  
 Sempre morrêo de amores?



## L Y R A V.

**O**S mares, minha bella, não se movem;  
 O brando Norte assopra, nem diviso  
 Huma nuvem sequer na Esfera toda,  
 O destro Nauta aqui não he preciso;  
 Eu só conduzo a náó, eu só modêro  
 Do seu governo a roda.

Mas

Mas ah! que o Sul carrega, o mar se empolla,  
Rasga-se a véla, o mastaréo se parte!  
Qualquer varão prudente aqui já teme  
Não tenho a necessaria força, e arte.  
Corra o sabio Piloto, corra, e venha  
Reger o duro leme.

Como succede á não no mar, succede  
Aos homens na ventura, e na desgraça:  
Basta ao feliz não ter total demencia,  
Mas quem de venturoso a triste passa,  
Deve entregar o leme do discurso  
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o Ceo se cubrio, os raios chovem;  
E esta alma, em tanta pena consternada,  
Nem sabe aonde possa achar conforto.  
Ah, não, não tardes, vem, Marilia amada,  
Toma o leme da não, marêa o panno,  
Vai-a salvar no porto.

Mas

Mas ouço já de Amor as fábias vozés:  
 Elle me diz que soffra se não morro;  
 E perco então se morro huns doces laços.  
 Não quero já, Marilia, mais foccorro,  
 Oh ditoso soffrer, que lucrar póde  
 A gloria dos teus braços!



## L Y R A VI.

**D**E que te queixas,  
 Lingua importuna?  
 De que a Fortuna  
 Roubar-te queira,  
 O que te deu?  
 Este foi sempre  
 O genio seu.

Levou , Marilia ,  
A impia forte ;  
Catoens á morte ;  
Nem sepultura  
Lhes concedeu.

Este foi sempre  
O genio seu.

A outros muitos ,  
Que vís nascêrão ,  
Nem merecêrão ,  
A grandes thronos  
A impia ergueu.

Este foi sempre  
O genio seu.

Espalha a cega  
Sobre os humanos  
Os bens, e os damnos;  
E a quem se devão  
Nunca escolheu.

Este foi sempre  
O genio seu.

A quanto he justo,  
Já mais se dobra;  
Nem igual obra  
C'os mesmos Deoses  
Do cáro Ceo.

Este foi sempre  
O genio seu.

Sobe ao Ceo Venus  
N'hum carro ufano ;  
E cahe Vulcano  
Da pura esfera ,  
Em que nasceu.  
Este foi sempre  
O genio seu.

Mas não me rouba ,  
Bem que se mude ,  
Honra , e virtude :  
Que o mais he della ,  
Mas isto he meu.  
Este foi sempre  
O genio seu.



## L Y R A VII.

**M**Eu prezado Glauceste,  
 Se fazes o conceito,  
 Que bem que réo abrigo  
 A candida Virtude no meu peiço.  
 Se julgas, digo, que mereço ainda  
 Da tua mão soccorro;  
 Ah! vem dar-m'o agora,  
 Agora sim que morro.

Não quero, que montado  
 No Pegaso fogoso,  
 Venhas com dura lança  
 Ao monstro infame traspassar raivoso.  
 Deixa que viva a perfida calumnia,  
 E forge o meu tormento:  
 Com menos, meu Glauceste,  
 Com menos me contento.

Toma a lyra doirada,  
E toca hum pouco nella:  
Levanta a vóz celeste

Em parte que te escute a minha bella;  
Enche todo o contorno de alegria;  
Não soffras, que o desgosto  
Affogue em pranto amargo  
O seu divino rosto.

Eu fei, eu fei, Glauceste,  
Que hum bom Cantor havia,  
Que os brutos amansava;

Que os troncos, e os penedos attrahia,  
De outro destro Cantor tambem affirma,

A sábia Antiguidade,  
Que as muralhas erguêra  
De huma grande Cidade.

Orfeo as cordas fere;  
O som delgado, e terno  
Ao Rei Plutão abranda,  
E o deixa que penetre o fundo Averno.  
Ah, tu a nenhum cedes, meu Glauceste,  
Na lyra, e mais no canto:  
Podes fazer prodigios;  
Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes:  
Que mais, que mais esperas?  
Confolá hum peito afflito;  
Que he menos inda, que domar as fêras.  
Com isto me darás no meu tormento  
Hum doce lenitivo,  
Que em quanto a bella vive,  
Tambem, Glauceste, vivo.



## LYRA VIII.

**E**U vejo, ó minha bella, aquelle Numen,  
A quem o nome derão de Fortuna,  
Pega-me pelo braço;  
E com vóz importuna  
Me diz que mova o passo;  
Que entre no grande Templo, em q̄ se encerra  
Quanto o destino manda,  
Que ella obre sobre a terra.

Que coizas portentosas nelle encontro!  
Eu vejo a pobre fundação de Roma;  
Vejo-a queimar Carthago;  
Vejo que as gentes doma;  
E vejo o seu estrago.

Lá florece o poder do Assyrio Povo:  
Aqui os Medos crescem  
E os perde hum braço novo.

Então me diz a Deosa: *E que pertendes ?  
Todas estas Medalhas vêr agora ?*

*Ab! não, não sejas louco!*

*Espaço de annos fôra*

*Para isso ainda pouco.*

*Deixa estranhos successos; vem comigo,*

*Verds quanto inda deve*

*Acontecer com tigo.*

Levou-me a onde estava a minha historia,  
Que toda me explicou com medo, e arte.

*Tirei-te libras de oiro,*

*Me diz, e quero dar-te*

*Todo aquelle thesoiro.*

*Não suspira por bens hum peito nobre:*

*Sevêro lhe respondo.*

*Vivo affeito a ser pobre.*

Aqui me enruga a Deosa irada a testa ;  
E fica sem fallar hum breve espaço.

*Alegra , alegre o rosto ,*

*Profegue , ali te faço*

*Restituir o posto.*

Respondo com ar de mofa , e tom sereno :

*Conbeço-te , Fortuna ,*

*Posso morrer pequeno.*

*Aqui te dou , me diz , a tua amada.*

Então me banho todo de alegria

*Cuidei , me torna a cega ,*

*Que essa alma não queria*

*Nem esta mesma entrega.*

*He esse o bem , respondo , que me move ;*

*Mas este bem he santo ,*

*Vem só da mão de Jove*

Que-

Queria mais fallar ; eu insoffrido  
 Desta maneira rompo os seus accentos :

*Basta , Fortuna , basta ;*

*Estes breves momentos*

*Lá noutras coizas gasta ;*

*Da minha sorte nada mais contemplo.*

E chamando Marilia

Suspiro , e deixo o Templo.



LYRA IX.

**A** Estas horas

Eu procurava

Os meus Amores ;

Tinhão-me inveja

Os mais Pastores.

A porta abria ,  
Inda esfregando  
Os olhos bellos ,  
Sem flor, nem fitta  
Nos feus cabellos :

Ah ! que assim mesmo  
Sem compostura ,  
He mais formosa ,  
Que a estrella d'alva ,  
Que a fresca rosa.

Mal eu a via,  
Hum ar mais-leve,  
( Que doce effeito ! )  
Já respirava  
Meu terno peito.

Do cerco apenas  
Soltava o gado,  
Eu lhe amimava  
Aquella ovelha  
Que mais amava.

Dava-lhe sempre  
No rio, e fonte,  
No prado, e felva,  
Agua mais clara,  
Mais branda relva.

Nō cóllo a punha,  
Então brincando  
A mim a unia;  
Mil coizas ternas  
Aqui dizia.

Marilia vendo ,  
Que eu só com ella  
He que fallava ;  
Ria-se a furto ,  
E disfarçava.

Destá maneira  
Nos castos peitos ,  
De dia , em dia .  
A nossa chamma  
Mais se accendia.

Ah ! quantas vezes  
No chão sentado ,  
Eu lhe lavrava  
As finas rócas ,  
Em que fiava ?

Da mesma forte  
Que á sua amada,  
Que está no ninho,  
Fronteiro canta  
O passarinho.

Na quente fésta,  
Della defronte,  
Eu me entretinha  
Movendo o ferro  
Da sanfoninha.

Ella por dar-me  
De ouvir o gosto,  
Mais se chegava:  
Então vaidoso  
Assim cantava:

Não ha Pastora,  
Que chegar possa  
A' minha bella ;  
Nem quem me iguale  
Tambem na estrella :

Se Amor concede  
Que eu me recline  
No branco peito ,  
Eu não invejo  
De Jove o leito :

Ornãõ seu peito  
As sãs virtudes,  
Que nos namorãõ ;  
No seu semblante  
As Graças morãõ.

Assim vivia:  
Hoje em suspiros  
O canto mudo:  
Assim, Marilia,  
Se acaba tudo.



## L Y R A X.

**A**Rde o velho barril, arde a cabeça,  
Em honra de João na larga rua;  
O credulo Mortal agora indaga,  
Qual seja a sorte sua?

Eu não tenho alcaxofra, que á luz chegue,  
E nella orvalhe o Ceo de madrugada,  
Para ver se rebentão novas folhas,  
Aonde foi queimada.

Tão-

Tambem não tenho hum ovo , que despeje  
Dentro de hum cópo d'agua , e possa nella  
Fingir Palacios grandes , altas Torres ,  
E huma Náo á véla.

Mas, ah! em bem me lembre: eu tenho ouvido  
Que na boca hum bochecho d'agoa tome,  
E atrás de qualquer porta attento esteja,  
Até ouvir hum nome.

Que o nome , que primeiro ouvir, he esse  
O nome , que ha de ter a minha amada:  
Pode verdade fer , se fôr mentira ,  
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar , e de repente  
Ouvi dizer o nome de Filena:  
Despejo logo a boca : ah ! não sei como  
Não morro alli de pena !

Apparece Cupido: então foltando  
Em ar de zombaria huma rifada.  
E que tal, me pergunta, esteve a peça?  
Não foi bem pregada?

Eu já te disse, que Marilia he tua:  
Tu fazes do meu dito tanta conta,  
Que vais acreditar, o que te ensina  
Velha mulher já tonta.

Humilde lhe respondo: quem debaixo  
Do açoite da Fortuna afflito geme,  
Nas mesmas coifas, que só são brinquedos,  
Se agoirão males, teme.



## L Y R A X I.

**S**E acaso não estou no fundo Averno  
Padece, ó minha bella, sim padece  
O peito amante, e terno,  
As affeições tyrannas, que aos Precitos  
Arbítra Rhadamantho em justa pena  
Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes, rangendo os dentes  
Com a mão descarnada não me applicão  
As raivofas serpentes.

Mas cercão-me outros mōstros mais irados:  
Mordem-me sem cessar as bravas serpes  
De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto, Marília, a vida toda  
Em lançar o penedo da montanha;  
Ou em mover a roda.

Mas tenho ainda mais cruel tormento :  
Por coisas que me affligem, roda, e gyra  
Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado  
A's tépidas entranhas não me come  
Hum abutre esfaimado.

Mas sinto de outro monstro a crueldade :  
Devora o coração, que mal palpita,  
O abutre da faudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,  
Que de mim se retirão, quando busco  
Fartar o meu desejo;

Mas quer, Marília, o meu destino ingrato,  
Que lograr-te não possa, estando vendo  
Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno , estou, Marilia bella ;  
E n'uma coisa só he mais humana

A minha dura estrella :

Huns não podem mover do Inferno os passos;

Eu pertendo vôar , e vôar cedo

A' gloria dos teus braços.



## L Y R A XII.

AH, Marilia, que tormento  
Não tens de sentir faudosa!  
Não podem ver os teus olhos  
A campina deleitosa,  
Nem a tua mesma Aldêa,  
Que tyrannos não proponhão  
A' inda inquieta idéa  
Huma imagem de afflicção.  
Mandarás aos furdos Deosés  
Novos suspiros em vão.

Quando levares, Marilia,  
 Teu ledo rebanho ao prado  
 Tu dirás : aqui trazia  
 Dirceo também o seu gado.  
 Verás os sitios ditosos  
 Onde, Marilia, te dava  
 Doces beijos amorosos  
 Nos dedos da branca mão.  
 Mandarás aos surdos Deoses  
 Novos suspiros em vão.

Quando á janella fahires  
 Sem queres, descuidada,  
 Tu verás, Marilia, a minha  
 E minha pobre morada.  
 Tu dirás então comtigo:  
 Alli Dirceo esperava  
 Para me levár comtigo:  
 E alli soffreo a prisão.  
 Mandarás aos surdos Deoses  
 Novos suspiros em vão.

Quan-

Quando vires igualmente  
Do caro Glaucette a choça,  
Onde alegres se juntavão  
Os poucos da escolha nossa,  
Pondo os olhos na varanda  
Tu dirás, de m'goa chêa:  
Todo o congresso alli anda,  
Só o meu Amado não.

Mandarás aos furdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua  
O meu companheiro honrado,  
Sem que me vejas com elle  
Caminhar emparelhado,  
Tu dirás: não foi tyranna  
Sómente comigo a forte;  
Tambem cortou deshumana  
A mais fiél un'ão.

Mandarás aos furdos Deoses  
Novos suspiros em vão.

N'uma masmorra mettido  
Eu não vejo imagens destas,  
Imagens, que são por certo  
A quem adora funestas.  
Mas se existem' separadas  
Dos inchados rôxos olhos,  
Estão, que he mais, retratadas  
No fundo do coração.

Tambem mando aos furdos Deoses  
Tristes suspiros em vão.

## L Y R A XIII.

V Es, Marilia, hum cordeiro  
 De flores enramado,  
 Como alegre caminha  
 A ser sacrificado?

O Povo para o Templo já concorre:  
 A Pyra sacro-santa já se accende:  
 O Ministro o fere, elle bala, e morre.

Vês agora o novillo,  
 A quem segura o laço:  
 No chão as mãos especa:  
 Nem quer mover hum passo:  
 Não conhece que sahe de hum máo terreno,  
 Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,  
 O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto, como  
 Lhe dispomos a forte :  
 Hum vai forçado á vida,  
 Vai outro alegre á morte,  
 Nós temos, minha bella, igual demencia:  
 Não sabemos os fins, com que nos move  
 A fábria, occulta Mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho  
 Os máos matar quizerão:  
 De conselho mudárão,  
 Como escravo o vendêrão:  
 José não corre a fer hum servo afflito:  
 Vai subindo os degráos, por onde chega  
 A fer hum quasi Rei no grande Egypto.

Quem sabe se o Destino  
 Hoje, ó bella, me prende,  
 Só porque nisto de outros  
 Mais damnos me defende?  
 Pode inda raiar hum claro dia.  
 Mas quer raie, quer não, ao Ceo adoro;  
 E beijo a santa mão, que assim me guia.



## L Y R A XIV.

**A** Alma digna de mil Avós Augustos!  
 Tu sentes, tu soluças  
 Ao ver cahir os justos;  
 Honras as santas leis da Humanidade:  
 E aos teus exemplos deve  
 Gravar com letras de oiro no seu Templo  
 A candida Amizade.

Não he, não he de Heróe huma alma forte,  
Que vê com rosto enchuto  
No seu igual a morte.

Não he tambem de Heróe hum peito duro,  
Que a sua gloria firma,  
Em que lhe não resiste ao ferro, e fogo,  
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado Chefe me namora,  
Quando vê a cabeça  
Do bom Pompeo, e chora!

He grande para mim, quem move os passos,  
E de Dario aos filhos,  
Que como escravos seus tratar podéra,  
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas, Capitão piedoso,  
Entre os Heróes do Mundo  
Hum nome glorioso,  
Não he, porque levanta huma cidade;  
He sim, porque nos hombros  
Salvou do incendio ao Pai a quem detinha  
A mão da branca idade.

Ah! se ao meu contrario entre as chãmas vira,  
Eu mesmo, sim, da morte  
Aos hombros o remira:  
Inda por elle muito mais obrára:  
E se nada servisse,  
Fizera então, Amigo, o que fizeste,  
Gemêra, e suspirára.

Oh,

Oh ! quanto são duraveis as cadêas  
De huma amizade , quando  
Se dão iguaes idéas !

Se a pezar dos estorvos se fustinha  
Nossa união sincera ,  
Foi por fer a minha alma igual á tua ,  
E a tua igual á minha.

Se , ó caro Amigo , te merece tanto ,  
Lá lhe fica a sua alma ,  
Limpa-lhe o terno pranto.

De quem eu fallo , és tu , Marilia bella.  
Ah ! sim , honrado Amigo ,  
Se enxugar não poderes os seus olhos ;  
Prantêa então com ella.



## L Y R A X V .

**E**U, Marilia, não fui nenhum Vaqueiro;  
Fui honrado Pastor da tua Aldêa;  
Vestia finas lãns , e tinha sempre  
A minha chóça do prec'fo chêa.  
Tirarão-me o casal , e o manso gado ,  
Nem tenho a que me encolte hum fô cajado.

Para ter, que te dar, he que eu queria  
De mór rebanho ainda ser o dono ;  
Prezava o teu semblante , os teus cabellos  
Ainda muito mais que hum grande Throno.  
Agora que te offerte já não vejo  
Além de hum puro amor, de hum são desejo.

Se o rio levantado me causava  
Levando a sementeira prejuizo,  
Eu alegre ficava apenas via  
Na tua breve boca hum ar de riso.  
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto  
De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço  
As quentes horas da comprida sesta,  
Escrever teus louvores nos olmeiros,  
Toucar-te de papoilas na floresta.  
Julgou o justo Ceo, que não convinha  
Que a tanto gráo subisse a gloria minha.

Ah, minha bella, se a Fortuna volta,  
Se o bem que já perdi alcanço, e provo;  
Por essas brancas mãos, por essas faces  
Te juro renascer hum homem novo;  
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,  
Amar no Ceo a Jove, e a ti na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas,  
Que pagarei dos poucos do meu ganho;  
E dentro em pouco tempo nos veremos  
Senhores outra vez de hum bom rebanho.  
Para o contagio lhe não dar fobeja  
Que as affague Marilia, ou só que as veja.

Se não tivermos lans, e pelles finas,  
podem mui bem cobrir as carnes nossas  
As pelles dos cordeiros mal cortidas,  
E os pannos feitos com as lans mais grossas.  
Mas ao menos será o teu vestido  
Por mãos de Amor, por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente fésta  
Com canas, e com cêstos os peixinhos:  
Nós iremos caçar nas manhãs frias  
Com a vara envifgada os passarinhos.  
Para nos divertir faremos quanto  
Reputa o varão sabio, honesto, e santo.

Nas noites de ferão nos sentaremos  
C'os filhos se os tivermos á fogueira;  
Entre as falsas historias, que contares,  
Lhes contarás a minha verdadeira:  
Pasmados te ouviráõ; eu entre tanto  
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua  
Nos mostraráõ c'õ dedo os mais Pastores,  
Dizendo huns para os outros: olha os no<sup>ros</sup>  
Exemplos da desgraça, e sãoos amores.  
Contentes viviremos desta sorte,  
Até que chegue a hum dos dois a morte.



## L Y R A X V I.

**V**Ejo, Marilia,  
Que o nédeo gado  
Anda disperso  
No monte, e prado;  
Que assim succede  
Ao desgraçado,  
Que a perder chega  
O seu Pastor.  
Mas inda soffro  
A viva dôr.

Tambem conheço,  
Que os Pegureiros,  
Que apascentavão  
Os meus cordeiros,  
Darão suspiros  
E verdadeiros;  
Porque perdêrão  
Hum pai no amor.  
Mas inda soffro  
A viva dôr.

Eu mais alcanço;  
Que a minha herdade  
Estando eu prezo,  
Soffrer não ha-de  
Nem a charrua,  
E nem a grade;  
Que a mão lhe falta  
Do Lavrador.  
Mas inda soffro  
A viva dôr.

Mas

Mas quando sobe  
A' minha idéa,  
Que tu ficaste  
Lá nessa Aldêa.  
De mil cuidados  
E mágoa cheia;  
Das paixões minhas  
Não sou senhor.  
Eu já não soffro  
A viva dôr.

A quanto chega  
A pena forte!  
Peza-me a vida,  
Desejo a morte,  
A Jove accuso,  
Maldigo a sorte,  
Trato a Cupido  
Por hum traidor.  
Eu já não soffro  
A viva dôr.

Mas

Mas este excesso  
Perdão merece,  
E delle Jove  
Se compadece;  
Que Jove, ó bella,  
Mui bem conhece,  
Aonde chega  
Paixão de amor.  
Eu já não soffro  
A viva dor.



## L Y R A XVII,

**D** Irceo te deixæ, ó bella,  
De padecer cançado:  
Frio fuor já banha  
Seu rosto descórado;  
**O** fangue já não gyra pela vêa,  
Seus pulsos já não batem;  
**E** a clara luz dos olhos se bacêa:  
A lagrima sentida já lhe corre;  
**Já** pára a convulsão, suspira, e morre.

Seu espirito chega  
Onde se pune o erro:  
Late o cão, e se lhe abrem  
Grossos portões de ferro.  
Aos severos Juizes se apresenta,  
E com sentidas vozes  
Toda a sua traged'ia representa:  
Enche-se de ternura, e novo espanto  
O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre hum pasinado a boca,  
E a pedra não despede;  
Outro já não se lembra  
Da fome, e mais da sede:  
Descança o curvo bico, e a garra impia  
Negro abutre esfaimado:  
Nem na roca medonha a Parca fia.  
Até as mesmas Furias inclementes  
Deixão cahir das unhas as serpentes.

Já votão os Juizes ;  
E o Rei Plutão lhe ordena  
Deixe o fitio , em que ficão  
Almas dignas de pena.  
Já sahe do escuro Reino , e da memoria  
Lhe passa tudo quanto  
Ou póde dar-lhe mágoa , ou dar-lhe gloria.  
Só, bem que o gosto as turvas agoas tome ,  
Inda , Marilia, inda diz teu nome.

Entra Já nos Elyfios  
Campinas venturofas ,  
Que mansos rios cortão ,  
Que cobrem sempre as rofas.  
Escuta o canto das sonoras aves ,  
E bebe as ágoas puras ,  
Que o mel , e de que o leite mais fuaves.  
Aqui, diz elle , espero a minha bella ,  
Aqui contente viverei com ella.

Aqui

Aqui... porém aonde  
Me leva a dôr activa?  
He illusão detta alma.

Jove inda quer que eu viva.

Eu devo sim gofár teus doces laços;

E em paga dos meus males

Devo morrer, Marilia, nos teus braços.

Então eu passarei ao Reino amigo;

E tu irás despois lá ter comigo.



## LYRA XVIII.

**N**ão molho, Marilia,  
De pranto a masmorra  
Que o terno Cupido  
Não vôle, e não corra,  
A hilo apanhar.  
Estende-o nas azas  
Sobre elle suspira,  
Por fim se retira,  
E vai-to levar.

Se o moço não mente,  
Aos tristes gemidos,  
Aos ais laltimosos  
Não guardes unidos,  
Marilia, c'os teus:  
As lagrimas nossas  
No seio amontôa  
Fórma azas, e vôa,  
Vai pô-las nos Ceos.

A Deosa formosa,  
Que amava aos Troianos,  
Livra-los querendo  
De riscos, e damnos  
A Jove buscou.  
As aguas, que o rosto  
Da Deosa banhárão  
A Jove abrandárão,  
E assim os salvou.

Confia-te, ó bella,  
Confia-te em Jove;  
Ainda se abrandá,  
Ainda se move  
Com ancias de amor.  
O pranto de Venus,  
Que obrou no Pai tanto,  
Não tem que o teu pranto  
Apreço maior.



## LYRA XIX.

+  
**N**Esta triste masmorra,  
De hum semivivo corpo sepultura,  
Inda, Marilia, adoro  
A tua formosura.  
Amor na minha idéa te retrata,  
Busca extremo, que eu assim resisto  
A' dôr immensa, que me cerca, e mata.

Quando em meu mal pondero,  
Então mais vivamente te diviso:  
Vejo o teu rosto, e escuto  
A tua voz, e riso.  
Movo ligeiro para o vulto os passos:  
Eu beijo a tibia luz em vez de face;  
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a illusão minha ;  
A violencia da mágoa não supporto ;  
Foge-me a villa , e caio  
Não fei se vivo , ou morto.  
Enternece-se Amor de estrago tanto ;  
Reclina-me no peito , e com mão terna  
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Despois que represento  
Por largo espaço a imagem de hum defunto,  
Movo os membros, suspiro,  
E onde estou pergunto.  
Conheço então que Amor me tem com siço;  
Ergo a cabeça, que inda mal sustento,  
E com doente voz assim lhe digo.

Se queres ser piedoso ,  
 Procura o sitio em que Marilia móra ,  
 Pinta-lhe o meu estrago ,  
 E vê , Amor , se chora.

Se a lagrimas verter a dôr a arrasta ,  
 Huma dellas me traze sôbre as pennas ,  
 E para allivio meu só isto basta.



## L Y R A XX.

**S**E me visses com teus olhos  
 Nesta masmorra mettido ;  
 De mil idéas funestas ,  
 E cuidados combatido :  
 Qual feria , ó minha bella,  
 Qual feria o teu pezar ?

A' força da dôr cedêra.  
E nem estaria vivo,  
Se o menino Deos vendado,  
Extremoso, e compassivo,  
Com o nome de Marilia  
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva;  
O meio dia tem dado,  
E o cabelo inda flutua  
Pelas costas desgrenhado.  
Não tenho valor, não tenho,  
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: E Marilia.  
Não estima esse cabelo?  
Se o deixas perder de todo  
Não se ha de enfadar ao vello?  
Suspiro pego no pente,  
Vou logo o cabelo atar.

Vem hum taboleiro entrando  
De varios manjares cheio ,  
Põe-se na meza a toalha ,  
E eu pensativo passeio :  
De todo o comer esfria ,  
Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que matar-te ,  
Diz Amor, te tens proposto ;  
Fazes bem : terá Marilia  
Desgosto sobre desgosto.  
Qual enfermo c'o remedio  
Me afflijo, mas vou jantar.

Chegão as horas Marilia ;  
Em que o Sol já se tem posto ,  
Vem-me á memoria que nellas  
Via á janella o teu rosto :  
Reclino na mão a face  
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: Já basta,  
Já basta, Dirceo, de pranto;  
Em obsequio de Marília  
Vai erguer teu doce canto.  
Pendem as fontes dos olhos,  
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado accender-me  
A velha çuja candéa;  
Fica, Marília, á masmorra  
Inda mais triste, e mais fêa.  
Nem mais canto, nem mais posso  
Huma só palavra dar.

Diz-me Cupido: São horas  
De escrever-se o que está feito;  
Do azeite, e da fumaça  
Huma nova tinta ageito,  
Tomo o páo, que penna finge.  
Vou as Lyras copiar.

Sem que chegue o leve fono  
Canta o Gallo a vez terceira;  
Eu digo ao Amor; que fico  
Sem deitar-me a noite inteira:  
Faço mimos, e promessas  
Para elle me acompanhar.

Elle diz que em dormir cuide,  
Que hei-de ver Marilia em sonho;  
Não respondo huma palavra,  
A dura cama componho,  
Apago a triste candêa,  
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados  
Risitir, ó minha Bella,  
Quem não tem de Amor a graça?  
Se eu que vivo á sombra della  
Inda vivo desta forte,  
Sempre triste a suspirar?



## L Y R A XXI.

Q U E diversas que são, Marília, as horas  
Que passo na masmorra immunda, e fêa,  
Dessas horas felizes, já passadas  
Na tua patria Aldêa.

Então eu me ajuntava com Glauceste;  
E á sombra de alto Cédro na Campina  
Eu versos te compunha, e elle os compunha  
A' sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva;  
De exceder hum ao outro qualquer trata  
O ecco agora diz: *Marília terna*;  
E logo: *Eulina ingrata*.

Dei-

Deixão os mesmos Sátyros as grutas :  
Hum para nós ligeiro move os passos ;  
Ouve-nos de mais perto , e faz a flauta  
C'os pés em mil pedaços.

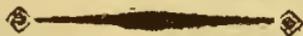
Dirceo (clama hum Pastor,) ah! bem merece  
Da ternissima Marilia a formosura.  
E aonde , clama o outro , quer Eulina  
Achar maior ventura ?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho ,  
Em quanto em nós durava esta porfia.  
E ella , ó minha amada , só findava  
Depois de acabar-se o dia.

A noite te escrevia na cabana  
Os versos , que de tarde havia feito ;  
Mal tos dava , e os lias , os guardavas  
No casto , e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,  
Banhados com as lagrimas do gosto,  
Jurava não cantar mais outras graças  
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento.  
Eu agora, Marilia, não as canto;  
Mas inda vale mais que os doces versos  
A voz do triste pranto.



## LYRA XXII.

**P**Or morto, Marilia ;  
Aqui me reputo :  
Mil vezes escuto  
O som do arrastado ,  
E duro grilhão.  
Mas, ah ! que não treme ,  
Não treme de susto  
O meu coração.

A chave lá sôa  
Na porta segura:  
Abre-se a escura,  
Infame masmorra  
Da minha prizão.  
Mas, ah! que não treme,  
Não treme de susto  
O meu coração.

Eu vejo, Marília,  
A mil innocentes  
Nas Cruzes pendentes,  
Por falsos delictos,  
Que os homens lhes dão.  
Mas, ah! que não treme,  
Não treme de susto  
O meu coração.

Se penso que posso  
Perder o gozar-te  
A gloria de dar-te  
Abraços honestos,  
E beijos na mão.  
Marilia, já treme,  
Já treme de susto  
O meu coração.

Repára, Marilia,  
O quanto he mais forte  
Ainda que a morte,  
N'um peito esforçado  
De amor a paixão.  
Marilia, já treme,  
Já treme de susto  
O meu coração.



## L Y R A XXIII.

**N**ão praguejes, Marília, não praguejes  
A justiceira mão que lança os ferros:  
Não traz de balde a vingadora espada;  
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem  
As mãos se derão, e em seu peito morão.  
Manda prender ao Réo austeramente a boca,  
Porém seus olhos chorão.

Se á innocencia denigre a vil calumnia  
Que culpa aquelle tem que applica a penna.  
Não he o Julgador, he o processo,  
E a lei quem nos condemna.

Só no Averno os Juizes não recebem  
Accusação, nem prova de outro humano ;  
Aqui todos confessão suas culpas ,  
Não póde haver engano.

Eu vejo as Furias affligindo aos tristes :  
Huma o fogo chega , outra as serpes move ;  
Todos maldizem sim a sua estrella ,  
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe ,  
Bem que a prizão me dá que eu não mereço.  
Qual eu sou , minha bella , não me trata ,  
Trata-me qual pareço.

Quem suspira , Marilia , quando pune.  
Ao vassallo que julga delinquente ;  
Que gosto não terá podendo dar-lhe  
As honras de innocente ?



## L Y R A XXIV.

**E**U vou, Marilia, vou brigar co' as feras.  
Huma soltárão , eu lhe sinto os passos ,  
Aqui aqui a espero  
Nestes desp'dos braços.  
He hum malhado tigre ; a mim já corre ,  
Ao peito o aperto , estalão-lhe as costelas ,  
Desfallece , cahe , urra , treme , e morre.

Vem agora hum Leão : facode a grenha ;  
Com faminta paixão a mim se lança ;  
Venha embora , que o pulso  
Ainda não se cança.

Opprimo-lhe a garganta , a lingua estira ;  
O corpo lhe fraquêa , os olhos inchão ,  
Açoita o chão convulso , arqueja , e espira.

Mas que vejo , Marilia ! tu te affustas ?

-Entendes que os destinos inhumanos  
Expoem a minha vida  
No cêrco dos Romanos ?

Com urfos , e com onças eu não luto.

Luto c'o brayo monstro que me accusa ;  
Que os tigres , e leões mais féro , e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima  
Da vil calúnia a cortadora espada ;  
Huma alma , qual eu tenho,  
Não se recêa a nada.

Eu hei-de, sim , punir-lhe a insolencia ,  
Pizar-lhe o negro cóllo' , abrir-lhe o peito  
Co' as armas invenciveis da innocencia.

Ah , quando imaginar , que vingativo  
Mando que desça ao Tartaro profundo  
Hei-de com mão honrada  
Erguer-lhe o corpo immundo.  
Eu então lhe direi : Infame, indíno,  
Obras como costuma o vil humano ;  
Faço o que faz hum coração divino.



## LYRA XXV.

+

**M**Inha Marilia,  
O passarinho,  
A quem roubarão  
Ovos, e ninho,  
Mil vezes poufa  
No seu raminho,  
Piando finge  
Que anda a chorar.  
Mas logo vòa  
Pela espessura,  
Nem mais procura  
Este lugar.

Se acaso a vacca  
Perde a vitéla ,  
Tambem nos mostra ,  
Que se desfvéla ,  
O pasto deixa ,  
Muge por ella ,  
Até na estrada  
A vem buscar.

Em poucos dias ,  
Ao que parece ,  
Della se esquece ,  
E vai pastar.

O voráz Tempo ,  
Que o ferro come ,  
Que aos mesmos Reinos  
Devora o nome ,  
Tambem, Marilia ;  
Tambem consome  
Dentro do peito  
Qualquer pezar.

Ah só não póde  
Ao meu tormento  
Por hum momento  
Allivio dar.

Tambem, ó bella,  
Não ha quem viva  
Instantes breves  
Na chamma activa ;  
Derrete ao bronze  
Sendo excessiva  
Ao mesmo feixo  
Faz estalar.

Mas do amianto  
A fêbra dura  
Na chamma atura  
Sem se queimar.

Tambem, Marilia,  
Náo ha quem negue,  
Que bem que o fogo  
Nos oleos pegue,  
Que bem que em lingoas  
A's nuvens chegue,  
A' força d' agoa  
Se ha de apagar.

Se a negra pedra  
Nós accendemos.  
Com agoa a vemos  
Mais s' inflammar.

O meu discurso ,  
Marilia, he resto :  
A pena iguala  
Ao meu affecto.  
O amor que nutro  
Ao teu aspecto ,  
E o teu semblante  
He singular.

Ah ! nem o tempo ,  
Nem inda a morte  
A dôr tão forte  
Pode acabar.



## L Y R A XXVI.

Aquelle, a quem fez cégo a Natureza,  
 C'o bordão apalpa, e aos que vem pergunta;  
 Ainda se despenha muitas vezes,  
 E dois remedios junta.

De ser céga a Fortuna eu não me queixo;  
 Sim me queixo de que má céga seja  
 Céga que nem pergunta, nem apalpa,  
 He porque errar deseja.

A quem gastar não sabe, nem se anima,  
 Entrega as grossas chaves de hum thesoiro;  
 E lança na miseria a quem conhece  
 Para que ferve o oiro.

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa  
Que a tráz do vicio em liberdade corra,  
Eu hõoras leis do Imperio, ella me opprime  
N' esta vil mafmorra.

Mas ah! minha Marilia, que esta queixa  
Co' a sólida razão se não coaduna,  
Como me queixo da Fortuna tanto,  
Se fei não ha Fortuna?

Os Fados, os Destinos, essa Deosa  
Que os Sábios fingem que huma roda move;  
He só a occulta mão da Providencia,  
A fábia mão de Jove.

Nós he que somos cégos, que não vemos;  
A que fins nos conduz por estes modos;  
Por torcidas estradas, ruins varedas  
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas;  
C'o seu merecimento o virtuoso;  
Parecer desgraçado, ó minha bella,  
He muito mais honroso.



## L Y R A XXVII.

**A** Minha amada  
He mais formosa  
Que branco lyrio,  
Dobrada rosa,  
Que o cinnamomo,  
Quando matiza  
Co' a folha a flor.  
Venus não chega  
Ao meu Amor.

Vasta campina  
De trigo chêa,  
Quando na fésta  
C'o vento ondêa,  
Ao feu cabello  
Quando flutua  
Não he igual.  
Tem a côr negra:  
Mas quanto val!

Os astros, que andão  
Na esfera pura,  
Quando scintillão  
Na noite escura,  
Não são humanos,  
Tão lindos, como  
Seus olhos são.  
Que ao Sol excedem  
Na luz que dão.

A's brancas faces ,  
 Ah ! não se atreve  
 Jasmim de Italia ,  
 Nem inda a neve ,  
 Quando a defata  
 O Sol brilhante  
 Com seu calôr.  
 São neve , e causão  
 No peito ardor.

Na breve boca  
 Vejo enlaçadas  
 As finas per'las  
 Com as granadas ;  
 A par dos beijos  
 Rubins da India  
 Tem preço vil.  
 Nelles se agarrão  
 Amores mil.

Se não lhe dêsse  
Compadecido  
Tanto soccorro  
O Deos Cupido ;  
Se não vivêra  
Huma esperança  
No peito seu ;  
Já morto estava  
O bom Dirceo.

Vê quanto póde  
Teu bello rosto ;  
E de goza-lo  
O vivo gosto !  
Que sobmergido  
Em hum tormento.  
Quasi infernal ,  
Porqu' inda espero  
Resisto ao mal.



## LYRA XXVIII.

**D** Etê-te, vil humano,  
Não espremas cicutas  
Para fazer-me damno.

O çumo que ellas dão he pouco forte,  
Procura outras bebidas,  
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo,  
Ajunta ahi venenos,  
Que nunca visse o mundo;  
Traz o negro licôr, que tem nos dentes,  
Nos dentes retorcidos  
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,  
Que pôz a Natureza  
Dentro no Mar salgado,  
Não se abala no meio da tormenta,  
Bem que huma onda, e outra onda  
Sobre elle em flor rebenta.

Arvore, que na terra  
As robustas raizes,  
Buscando o centro, afferra,  
Não teme ao furacão mais violento;  
E menos se se deixa  
Vergar do riço vento.

Sou tronco , e rócha , ó bella ,  
Que açoita o Sul que brama ,  
E o Mar , que se encapella :  
Não temas que do rosto a côr se mude ,  
Vence as róchas , e os troncos  
A sólida Virtude .

A maior desventura  
He sempre a que nos lança  
No horror da sepultura :  
O cobarde a morrer tambem caminha ;  
Com que males não póde  
Huma alma como a minha ?



## L Y R A XXIX.

**E** U descubro procurar-me  
Gentil mancebo, e loiro,  
Trazia a testa adornada  
Com folhas de verde loiro.  
Vejo ser o Pai das Mufas,  
**E** me entrega a lyra d'oiro.

Já basta, me diz, ó filho,  
Já basta de sentimento;  
O cançado peito exige  
Hum breve contentamento.  
Louva a formosa Marilia  
Ao som do meu instrumento.

Firo as cordas; mas que importa?  
A dôr não socega em tanto.  
Ergo a voz, então reparo  
Que quanto mais corre o pranto  
He mais doce, e mais sonoro  
Meu terno, e faudoso canto.

Apollo fitou os olhos  
Na mão, que regia o braço;  
E depois de estar suspenso,  
De me ouvir hum largo espaço,  
Assim diz: *o Deos Cupido*  
*Faz inda mais do que eu faço.*

*Eu te dou a minha lyra,*  
*Louva, louva a tua Bella;*  
*Porém vê que ta concedo*  
*Com condição, e cautella....*  
Eu lhe corto a voz, dizendo,  
Que só canto em honra della.



## LYRA XXX.

**O** Pai das Musas,  
O Pastor loiro  
Deo-me, Marilia,  
Para cantar-te  
A lyra de oiro.

As cordas firo,  
O brando vento  
Teus dotes leva  
Nas brancas azas  
Ao firmamento.

O teu cabello  
Vale hum thesoiro;  
Hum só me adorna  
A sábia frente  
Melhor que o loiro.

Nesses teus olhos  
Amor assiste;  
Delles faz guerra;  
Ninguem lhe foge,  
Ninguem resiste.

Algumas vezes  
Eu o diviso  
Tão bem occulto  
Nas lindas cóvas,  
Que faz teu riso.

Nesses teus peitos  
Tem os feusinhos  
Destros Amores,  
Nelles se gerão  
Os Cupidinhos.

Vences a Venus,  
Quando com arte  
As armas toma,  
Porque mais prenda  
Ao fero Marte.

Eu produzia  
Estas idéas,  
Quando, Marilia,  
O som escuto  
Das vis cadéas.

Dou hum suspiro ,  
Corre o meu pranto;  
E inda bebendo  
Lagrimas tristes ,  
De novo canto.

Sou da constancia  
Hum vivo exemplo.  
E vós, ó ferros ,  
Honrareis inda  
De Amor o Templo.



## LYRA XXXI.

**R**oubou-me, ó minha Amada, a forte impia;  
Quanto de meu gosava  
N'um só funesto dia.

Hoz-

Honras de maioral , manada grossa ,  
Fertil , extensa herdade ,  
Bem reparada chóça.

Metteo-me nesta infame sepultura ,  
Que he sepulcro sem honras ,  
Breve masmorra , escura.

Aqui , ó minha Amada , nem configò ,  
Venha outro desgraçado  
Sentir tambem comigo.

Mas se esta companhia não mereço .  
Os Deoses me dão outra ,  
Inda de mais apreço .

Não he , não , illusão o que te digo ;  
Tu mesma me acompanhas ;  
Peno , mas he contigo .

Não vejo as tuas faces graciosas ,  
Os teus soltos cabellos ,  
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse , infeliz me não differa ,  
Bem que subíra ao Potro ,  
Bem que na Cruz pendêra.

Não ouço as tuas vozes magoadas ,  
Com ardentes suspiros  
A's vezes mal formadas.

Mas vejo , ó cara , as tuas letras bellas ;  
Huma por huma beijo ,  
E choro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino ;  
Que o teu amor na ausencia  
Será leal , e fino.

De novo a carta ao coração aperto ,  
De novo a molha o pranto  
Que de ternura verto.

Ah ! leve muito embora o duro Fado ,  
A tudo quanto tenho  
Com meu fuor ganhado.

Eu juro , que do roubo nem me queixe ,  
Com tanto , ó minha cara ,  
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subirão ,  
Os que te amão , sómente  
Porque menos te ouvirão ?

Dê pois aos mais seus bens a Deosa céga ;  
Que eu tenho aquella gloria ,  
Que a mil felizes nega.



## LYRA XXXII.

**S**E o vasto mar se encapella ,  
E na rócha em flor rebenta ,  
Grossa náó, q' não tem léme ,  
Em váó sustentar-se intenta ;  
Até que naufraga , e corre  
**A'** discrição da tormenta.

Quem náó tem huma Belleza ,  
Em que ponha o seu cuidado ,  
Se o Ceo se cobre de nuvens ,  
E se assopra o vento irado ,  
Não tem forças que resistão  
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra ,  
Aonde, Marilia , vivo ,  
Encosto na mão o rosto ,  
Fico ás vezes pensativo,  
Ah ! que imagens tão funestas  
Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra ,  
Marilia , toda enlutada ,  
A face de hum pai rugosa ,  
N'um mar de pranto banhada ,  
Os amigos mascilentos ,  
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos  
Para outro diverso lado ,  
Vejo n'ua grande Praça  
Hum theatro levantado.  
Vejo as Cruzes , vejo os Potros ,  
Vejo o Alfanje afiado.

Hum

Hum frio fuor me cobre,  
Lação-se os membros, suspiro,  
Busco allivio ás minhas ancias,  
Não o descubro, deliro.  
Já, meu Bem, já me parece,  
Que nas mãos da morte espiro.

Vem-me então ao pensamento  
A tua testa nevada,  
Os teus meigos, vivos olhos,  
A tua face rosada,  
Os teus dentes crystallinos,  
A tua boca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,  
Que a negra noite affugenta,  
Qual o Sol, que a nevoa espalha  
Apenas a terra aqueenta,  
Ou qual Iris, que o Ceo limpa,  
Quando se vê na tormenta.

Assim, Marilia, desterro  
Triste illusão, e demencia;  
Faz de novo o seu officio,  
A razão, e a prudencia;  
E firmo esperanças doces  
Sobre a candida innocencia.

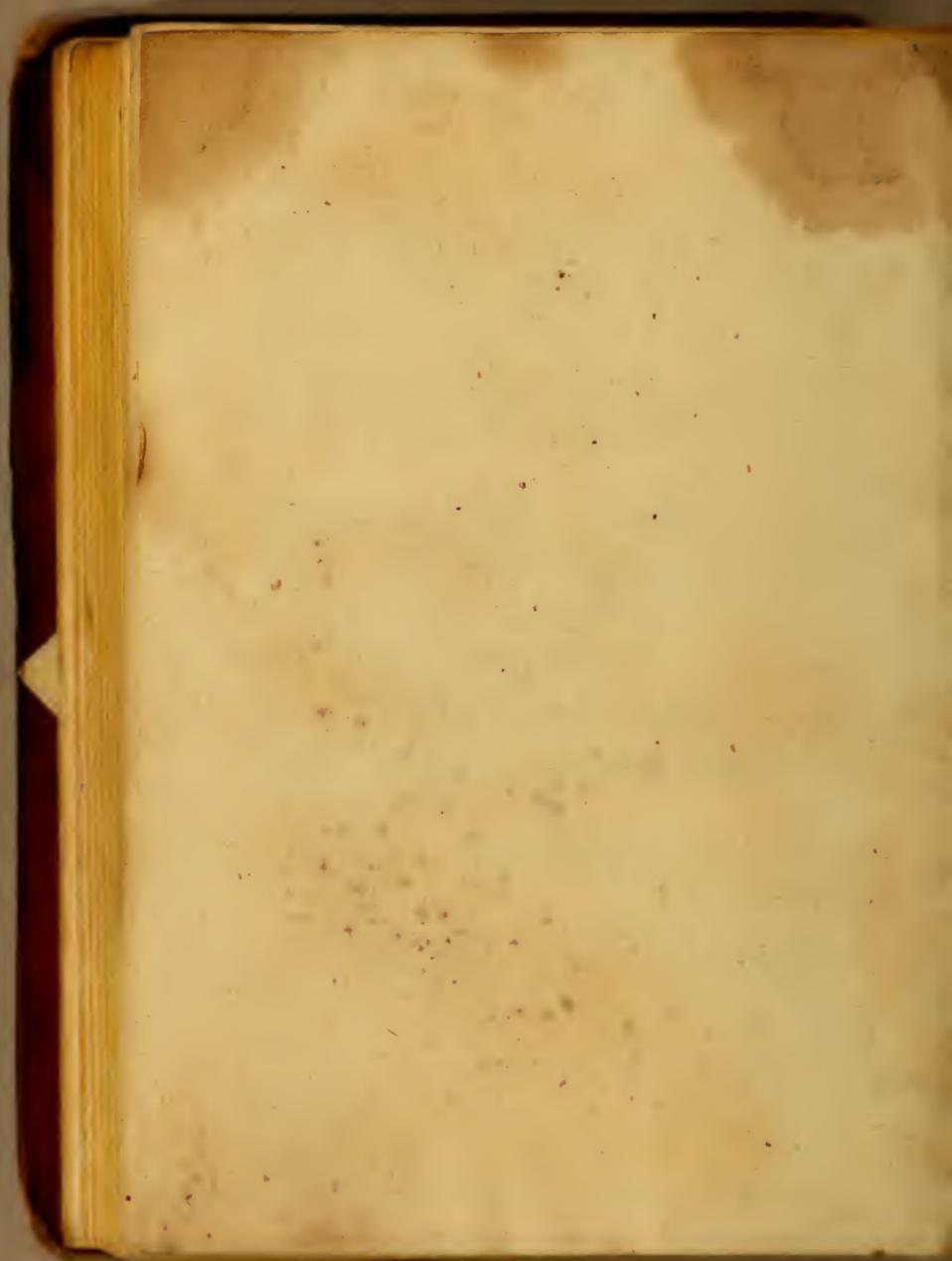
Restauro as forças perdidas,  
Sóbe a viva côr ao rosto;  
Gyra o fangue pela vêa,  
E bate o pulso composto.  
Vê, Marilia, o quanto pôde  
Contra os meus males teu rosto.

F I M.

*Vende-se na Loja da Gazetta.*

4500

7/94



C799

G642m

